RB186,591

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

LORD G

R
1915 L
4 Vol
V. 3430

I. Barros Ferr.ª inv.

G. F. A. Queiroz sculp. Lx.ª

ALMANAK
DAS
MUSAS,
OFFERECIDO
AO GENIO PORTUGUEZ.
PARTE I.

LISBOA:
Na Officina de FILIPPE JOZE' DE FRANCA.
ANNO M. DCC. XCIII.
Com licença da Real Meza da Commissão Geral, sobre o Exame, e Censura dos Livros.

Nem sempre haõ de occupar serios cuidados
Da nossa vida os dias pressurozos
Hajaõ tambem prazeres mistурados.

ALMANAK DAS MUZAS.

SONETO.

ERSOS, q' Amor, e q' a Razaõ dictára,
A ternos Vates, q' a Amizade unira,
Hide girar por onde livre gira
Prole, a q' a vida o prélo dilatára:

Crimina Apollo aquella Muza avara,
Q' enthezoirando os dons, q' elle lhe inſpira,
O ſeu fogo vaãmente conſummira,
Quando a luz recebida ſuffocára:

O Público vos chama, e vos eſpera,
Ah! naõ temais a lingua detractora,
Que mal diz o q' em fim naõ entendera:

Em amiga uniaõ ſahi embora,
E enſinai, a quem inda naõ ſoubera,
Como ſe ri de Amor, como ſe chora.

Lereno Selinuntino da Arcadia de Roma.

SONETO.

O Matutino Sol, claro, e formoſo
Vem no accezo Horizonte deſpontando;
Maſtiga o freyo aurifero eſcumando,
E alegres rinchos dá Piróes fogoſo.

As Eſtrellas no Téjo ſaûdoſo,
As luminoſas frontes vaõ banhando;
E eſtaõ as pardas terras rutilando,
C'o criſtalino aljofar orvalhoſo.

Cantaõ as brandas Aves; os Paſtores
Guiaõ as Ovelhinhas pelos prados,
Que a primavera borda de mil flores.

Formoſos olhos, olhos ſuſpirados,
A quem longe de vós morre de amores,
Os mais alegres dias ſaõ pezados.

Euvindo Nunacrienſe.

SO-

SONETO.

NAõ ſuſpirada Marcia, naõ, naõ leias
Da triſte Dona Ignez a infauſta hiſtoria,
Que de ſeus infortunios a memoria
Te hade o ſangue gelar dentro das veias;

Chamam por ella os troncos, e as areias,
Só o maligno Amor cheio de gloria,
Inda em ſignal conſerva da victoria
As tranças da infeliz de ſangue cheias:

Ah! linda Ignez, e aonde ſe eſcondia
Aos terniſſimos ais, que eſtavas dando,
O teu Pedro, o teu bem que os naõ ouvia?

Mas tu, formoſa Marcia, eſtás chorando,
Se Ignez choraſſe aſſim, quem poderia
Traſpaſſar-lhe cruel, ſeu peito brando.

Eurindo Nunacrienſe.

SO-

SONETO.

A Mor, de Amores mil vi rodeado;
Q'o ſeu ſenhor armavam á porfia,
Qual a brilhante malha lhe veſtia,
Qual lhe ajuſtava a eſpada de oiro ao lado:

Eſte o elmo de plumas variado,
Sobre os loiros cabellos lhe cingia:
Aquelle a groſſa lança lhe trazia,
Quem dá o eſcudo, quem o arnez pezado:

Chameja o roſto a Amor, a Ira, a Guerra
Voam-lhe em torno: tremem de medrozos
No Olimpo os Deozes, e os mortais na terra:

Fugi do ſeu furor, olhos formozos,
Que ſe o golpe Cupido hoje naõ erra,
Vingados ficaráõ tantos queixozos.

Eurindo Nonacrienſe.

SONETO.

TIrar Ignez ao mundo determina
O velho Affonço de vingança armado ;
E trez monſtros crueis co'a morte ao lado ,
Lá correm , lá ſe cumpre a ley ferina.

Da bella Ignez a face peregrina ,
Eis como o Sol de nuvens affrontado ;
Ou qual porque a ferio bicudo arado
Debruça o collo a candida bonina.

Do auzente Eſpozo em vaõ ſoccorro implora :
Os olhos lhe embaceya a Parca dura ;
Foge carpindo Amor , que nelles mora.

E em Echo transformadas na eſpeſſura ,
Coſtumaõ prantear ainda agora
As Filhas do Mondego a morte eſcura.

O primeiro , e ultimo Verſo deſte Soneto , ſaõ tirados de Camoẽs , por dois Autores.

SO-

SONETO.

ENtre as vagas azues do mar dourado,
A Lacia terra Eneas demandava,
Em quanto Eliſa o peito atraveçava
Co lizo Teucro ferro affacallado.

Barbaro Eſpoſo, Eſpoſo refalſado,
Nadando em ſangue a miſera exclamava,
Permitta de Neptuno a furia brava,
Que expires entre as ondas affogado.

Diſſe: e de Jove a divinal conſorte,
Nas doloroſas preces attentando,
Iris manda baixar da etherea corte.

Deſce: corta-lhe à vida o fio brando,
E eis o eſpirito vai nas maõs da morte
Pelas aureas abobedas voando.

O primeiro, e ultimo Verſo ſaõ da Cantata de Garçaõ: por dois Autores.

SO-

SONETO.

COm a terna Amizade, Amor luctava,
Fôra a primeira vez, que vira a terra
Deſtes meigos Irmaõs a uſada guerra,
E aſſuſtada tremia, e vacillava:

Longa trança da Deoſa ao ar ondeava
Entre o ſendal, que deſatado erra,
E o véo fatal, que ao Nume os olhos cerra,
Em pedaços ao vento volteava:

Deſee dos Ceos fatidico Deſtino;
Ouve da boca de ambos a verdade;
Marfida os move a eſte deſatino:

Decretou a infallivel Divindade;
Parta-ſe o coraçaõ, de ambos he dino;
Dê-ſe hũa parte a Amor, outra á Amizade.

Lereno Selinuntino.

SO-

SONETO.

NEgras nocturnas aves agoiraram
Este funesto, mal fadado dia;
Dia em q'a triste idade principia
De hũ triste, q' as Desgraças bafejaram:

Quanto ha de máu, em duros nós ataram
Atropos, Cloto, e Láchezis impia,
Q'esta nodoza vida, estende, e fia
Para males, q' ainda naõ chegaram:

Tocou-me o berço a maõ cruel, e dura
Da céga, e inconstante Potestade,
Que enche meus pobres dias de amargura:

Magoas, disgostos, marcam minha idade,
Mas esqueceu á minha má Ventura,
Tirar-me o refrigerio da amizade.

Lereno Selinuntino.

SONETO.

NEſte Dia fatal, infauſto Dia,
Naſceo ao Mundo mais hũ diſgraçado;
E bem, que pelas Muzas embalado,
Só para Melpoméne he que naſcia;

Quando a funeſta aurora reſurgia,
O lucido caminho achou turbado,
Negro vapor da terra aos Ceos alçado,
Veio empecer-lhe a alegre louçania;

Tres vezes tróa o Ceo, e do Cocyto
Soltou a Inveja as viperinas tranças,
Soou da parte eſquerda hũ rouco grito:

Ah! naſceeſte infeliz, e em vaõ te canças;
Lereno, já teu fado eſtava eſcrito,
Seráõ teu maior bem vaãs eſperanças.

Lereno Selinuntino.

SO-

SONETO.

TOdos querem ſabér quem ſeja Arminda,
Por quem vivo goſtoſo, e ſatisfeito;
E por mais diligencias que tem feito,
Graças a Amor, que naõ ſe ſabe ainda:

C'os ſeus cazos de amar talvez me brinda
Paſtor que de enganar tem uſo, e geito;
E ſerrana de geſto ao dolo affeito,
Finge que vio meu bem, jura que he linda:

Nos méus ſegredos cauteloſo, e auſtero,
Sua induſtria illudir-me em vaõ forceja,
Q' Amor, ſó niſto, me naõ quer ſincero:

Talvez piedade o meu ſegredo ſeja;
Eu naõ lhe moſtro Arminda, que naõ quero,
Q' elles morram de Amor, ellas de inveja.

Lereno Selinuntino.

SO-

SONETO.

NAõ vez, cruel, o Cedro corpolento,
Q' a viçoſa cerviz tem incurvado?
Naõ he da natureza, he do cuidado
Com q' o ſabio cultor o dobra attento:

Das agoas o continuo movimento,
Moſtra o final de brando haver tornado,
O penedo por onde vai callado,
O vizinho ribeiro, claro, e lento:

Se a ti o penſamento ora levanto,
Vejo que mais reſiſtes, q' es mais dura,
Q' o tronco, e a pedra que te daõ eſpanto:

Porque naõ faz na tua formoſura,
O incanſavel diſvello, o terno pranto,
Nem mais inclinaçaõ, nem mais brandura.

Lereno Selinuntino.

SO-

SONETO.

DE hũa gruta no ſeio cavernozo,
O fragil barco recolheo Lereno,
E reclinado no arido terreno,
O livre peſcador dormio goſtozo:

Amor, q' a ninguem póde ver ditozo;
Nem paz conſtante em animo ſereno,
Na uzada fórma de hũ rapaz pequeno,
Vem offertar-lhe mimo cavilozo:

De Arminda a gentiliſſima figura
Lhe moſtra, e diz: He tua, e tu naõ medes
Qual ſeja a que terás longa ventura:

Acorda alegre ó peſcador: já vedes,
Que por ſonhados bens da formozura,
Deixa o certo deſcanço, o barco, as redes.

Lereno Selinuntino.

SONETO.

SE eu vejo o forte, o impávido Thebano,
Depois do Nemêo bruto haver desfeito,
E com a pelle ornar costas, e peito
Com gesto, e com valor álem de humano;

Os grilhões arrastrar do Deos tiranno,
A hũ terno mover de olhos ser sugeito,
E em mulheril trabalho satisfeito
A ferrea clava desleichar ufano:

Se o que homens, e Feras tem domado
As amorozas setas penetrantes,
Taõ abatido o põe em tal estado:

Naõ ha que reziſtir, pobres amantes,
Porque contra o poder do Deos vendado,
Nem d'Hercules as forças saõ bastantes.

Lereno Selinuntino.

SO-

SONETO.

A Cabana de Tirſe, q'eu reſpeito,
A'lem ſe vê, alli branqueja o marco;
Eu quero ir vizita-la, aqui me embarco,
Aqui aonde o Téjo he mais eſtreito:

A longa vara encoſto ao duro peito;
Firmo a ponta na areia, empurro o barco,
A quilha emperra no limoſo charco,
Nem ſe move por força, nem por geito:

Salto fóra ligeiro, e agora arrumo
O eſquerdo hombro ao concavo coſtado,
Mas em vaõ me affadigo, e me conſumo:

Só chegando a maré ſe põe em nado,
E deſte proprio exemplo he q' eu rezumo,
Que ſem occaſiaõ, tudo he baldado.

Lereno Selinuntino.

SO-

SONETO.

Arde em raivas Diana, eu o conheço;
Na acceſa côr da face enfurecida,
E he porq' eu lhe offereço a minha vida,
Porq' hũ ſincero coraçaõ lhe offreço:

Naõ duvida a cruel do q' eu padeço,
Da minha paixaõ pura naõ duvida,
Mas em orgulho féro aſſim nutrida,
Julga o ama-la criminoſo exceſſo:

Se he inhumana, pois, ſe féra, e dura;
E cuida que ſe offende o ſeu reſpeito,
Com hũa adoraçaõ ſincera, e pura;

Para ver o ſeu genio ſatisfeito,
Caſtigue a ſua meſma formoſura,
Caſtigue a cauſa, naõ caſtigue o effeito.

Lereno Selinuntino.

SONETO.

Escurece-se o ar, tróa em redondo,
Cintas de fogo o Orizonte esmaltam,
Tortos corifcos d'entre as nuvens saltam,
O raio os ares rasga em rouco estrondo:

Os ventos vaõ os troncos descompondo,
As folhas cahem já, os fructos faltam,
Atterram-se os Zagaes, e sobresaltam
Á destruida choça mal compondo:

Toda esta aldêa timida se assusta,
Só Lereno infeliz naõ se intimida
De ver da Morte alçada à maõ robusta:

Q' a hũa alma de disgostos combatida,
Muito máis q' o morrer, muito mais custa
O pezo enorme da cançada vida.

Lereno Selinuntino.

SO-

SONETO.

Mirradas pernas, e mirrados braços,
Tortas bocas, e eſqualidas figuras,
Perdidas da belleza as cores puras,
Os olhos vivos ſe tornaram baſſos:

Já naõ póde reger aquelle os paſſos;
Eſſa naõ póde as maõs erguer ſeguras,
Aſſim vem a eſquivar-ſe ás ſepulturas;
Q'a Parca lhe moſtrou entre ameaços:

Huns ſe banham, e os outros ſorvem a agoa;
Que parece aquecera o Deos ferreiro,
Entre o enxofre da Trinacria fragoa:

Julga pois, com tal viſta, e com tal cheiro,
Que nojo, e dor, eu tenho, e por mais magoa,
Suppoẽ-me ſem ſaude, e ſem dinheiro.

Lereno Selinuntino.

SONETO.

EU vivo ainda, ó Inclyta Lisboa,
Meus dias volve ainda o fatal fuſo,
E as horridas Irmaãs os tem eſcuſo
A' theſoira fatal, que perto ſóa.

A Idade, q'entre mil deſaſtres vóa,
Leva meus annos a hũ montaõ confuſo,
E em triſte conta vai marcar por uſo,
Com branca pedra os dias q'amontóa:

Eu vivo ainda: o tempo em q'o Céo ſome
A conta dos meus dias, naõ tem marca,
Ou enganeu-ſe a ſorte com meu nome:

Nem comigo terá trabalho a Parca;
Porque eu heide finar-me ás maõs da Fome,
Sem ter no Lethes com que pague a barca.

Lereno Selinuntino.

SO-

SONETO.

DE myrrhadas *Perpetuas* amarellas ;
Eu vi as Parcas coroar-se hũ dia ;
E a *Mangerona* fetida se via ,
Q'era a planta , que ornava o peito dellas :

Cada huma das horridas Donsellas
Lethal *Cipreste* em sua mão trazia ,
De cuja rama , e *Murta* hũa teccia
Aos seus sequazes lugubres capellas :

Ornado de *Alecrim* , rasgava o vento
Ligeiro terno Amor gritando ,, acudo ,
,, A cantar desta planta o vencimento :

,, Reine em plana campina , ou Monte agudo ,
,, Pois no peito lhe deo sublime assento ,
,, A Bella Marcia , que he quem póde tudo.

Leveno Selinuntino.

SO-

SONETO.

BAſta de Amores, minha Muza, baſta:
Naõ vez o Tempo como corre á preſſa,
E com gello marcando-me a cabeça,
Loucos dias de amar de mim affaſta:

Deixei o meu grilhaõ, já outro o arraſta,
E á ferida a Razaõ ſarar começa;
He tempo que eſte fogo ſe arrefeça,
Baſta de Amores, minha Muza baſta:

Mas naõ me prives das mimozas flores,
Com que a velhice deſta lira illudes,
Quando emparelha á de louçaõs cantores:

Preciso agora mais, que tu me ajudes;
Se eu deixo de cantar graças, e Amores,
Subo mais alto, e vou cantar virtudes.

Lereno Selinuntino.

SO-

AO ILL.mo E EX.mo SENHOR

MARQUEZ DE CASTELLO MELHOR

No dia de seus annos.

SONETO.

NO Dia, em que teus dias começáram,
As mirradas campinas florecêram,
As arvores os ramos estendêram,
Novo gorgeio as aves entoáram:

Mansos Zefiros livres, paceáram,
Os rijos Aquilões se recolhêram,
As virtudes do Céo em paz descêram,
E o teu illustre berço bafejáram:

A's Parcas não se deo, como á mais gente,
Urdir, tecer o fio á tua idade,
Tomou a empreza a si Jove potente:

E unindo em ti dos teus a heroicidade,
Em teu peito arranjou brando innocente,
Para exemplo dos mais a saã piedade.

Lereno Selinuntino

SO-

NO DIA DOS ANNOS
DA ILL.ma E EX.ma S.ra
CONDEC,A DE POMBEIRO.

SONETO.

Ançada a natureſa, ou preguiçoſa,
As ſuas perfeiçõẽs nos eſcondia,
E o que de antigas bellas ſe dizia,
No Mundo era hũa hiſtoria fabuloſa:

Eis que hũ dia ſe apreſta glorioſa,
A moſtrar aos mortais quanto podia:
Tu foſte, fim tu és, Gentil Maria,
Do ſeu poder a prova precioſa:

Coʳ as virtudes, coʳ as graças de maõs dadas,
Em ti formou rariſſima belleſa,
Que vence as outras tanto exageradas:

Mas qual ſerá da Terra inda a pobreſa,
Se outras bellas naõ vem por ti moldadas,
Qʳ o teu molde quebrou-o a Natureſa.

Lorenzo Selinuntino.

SO-

Ao meſmo aſſumpto.

SONETO.

ENfeitam Graças a formoſa trança ;
Aviva Amor o Geſto gracioſo ,
E o caſto pejo o torna mais formoſo ,
Quando mais rozas ſobre a neve lança.

Foſte de Illuſtres Pais , doce eſperança ;
E's a conſolaçaõ do Illuſtre Eſpoſo ;
A' linda Prole , exemplo precioſo ,
E's dos ſervos fieis a ſegurança.

Aos Pais , ao Eſpoſo , á Prole , aos ſervos dad'
Foſte , gentil Maria , concedida ,
A fazer tanta gente affortunada.

Ah ! ſeja a tua idade taõ cumprida ,
Q'em muitas gerações multiplicada ,
Seja liçaõ da ſua a tua vida.

Lereno Selinuntino

SO-

SONETO.

CAnçado Penſamento, em paz me deixa
Reſpirar hum momento ſoccegado;
Aſſáz he tempo, em fim, que hum Diſgraçado,
Ponha termo ao ſeu pranto, á ſua queixa.

Quando o frouxo Morféo meus olhos feixa,
Naõ perturbes meu ſomno dezejado,
Moſtrando-me hum Rival afortunado,
Que as armas contra mim entaõ desfeixa.

Naõ ſejas tu tambem meu Inimigo,
Se he poſſivel, permitte qu'eu ignore,
Ou m'eſqueça huma vez do meu perigo.

Mas ày de mim! por mais que ao Céo implore,
O Céo me nega em ti hum doce abrigo,
E faz que eu ſem ceſſar ſuſpire, e chore.

Albano Ulisponenſe.

SO-

SONETO.

EM triſte ſom de funebre Elegia,
Naõ he juſto, meu bem, que a teus ouvidos,
Meus Verſos outra vez tornem ſentidos,
Inſpirando cruel melancolia.

Aſſaz he hum motivo de alegria,
Serem por ti meus Verſos attendidos,
Nem devem os meus lugubres gemidos,
Perturbar noſſa paz, noſſa harmonia.

Qualquer que ſeja a dor qu' eſt' alma opprime,
Alegre me verás, ver-me-has contente;
Pois naõ deves pagar o alheyo crime.

Já ſuffoco em meu Peito a magoa ingente,
E quanto pelos Olhos a alma exprime,
He lingoagem do amor que por ti ſente.

Albano Uliſponenſe.

SO-

SONETO.

TRez ramos de Cypó, Verbena, e Teixo,
Eu ato nesta fita verde escuro;
De Vibora, e Toupeira aqui misturo
As cinzas, e no Altar de Hecate as deixo.

Trez vezes abro os Olhos, trez os feixo,
Em quanto faço o tacito conjuro,
Agora exploro a serie do futuro,
Por ver o termo ao mal de que eu me queixo.

Attendei-me Tartareas Divindades:
Serei acaso hum dia venturoso?
Terão fim do meu bem as crueldades?

Mas ceis me diz Presságo pavoroso,
Que por premio das minhas anciadades,
Com Alcina virei a ser ditoso.

Albano Ulisponense.

A minha gratidaõ, minha ternura.

SONETO.

A Hum leve aceno dos seus olhos bellos,
Mil ternos corações Alcina rende;
C'um brando movimento os ata, e prende
Na suave prizaõ dos seus cabellos.

Ora accende no peito mil disvellos,
Ora doce Esperança n'alma accende;
Ninguem aos seus encantos se defende,
Huma vez que chegou a conhecellos.

Tal he a graça, o garbo, a gentileza
Daquella que envergonha em formosura
A que Pariz fez ver maior belleza.

Se alguem crimina pois minha fé pura,
Alcina veja, e diga se he fraqueza,
„ A minha gratidaõ, minha ternura. „

Alvano Ulisponense.

SO-

SONETO.

Maldito seja o dia, e seja a hora,
Em que eu com distracçaõ reprehensivel,
Offendi o meu bem, mas Ceos! He crivel,
Que eu pudesse offender a quem me adora?

Naõ meu bem, minh'amada, inda até agora
Meus vottos naõ quebrei, nem he possivel,
Que de ti me esquecesse; assaz vizivel
He a chamma de Amor que me devora.

Se eu faltei por acazo á fé constante,
De que mil juramentos te fizera,
Perdoa-me, meu bem, por teu semblante.

Pois bem qu'ignore quando te offendera,
Chamar-me Réo, mais quero nest'instante,
Do que ver-te comigo taõ severa.

Albano Ulisiponense.

SO-

SONETO.

Cançado d'eſperar a luz do dia,
Triſte, e afflicto, meu bem, eu meditava,
Taes couzas, minha idéia me pintava,
Que o terno coraçaõ me conſumia.

Em vaõ que tu me adoras eu dizia
A' minh'alma, que naõ o acreditava;
E como que hum dezaſtre m'eſperava,
Triſte pranto nas faces me corria.

Chegou em fim a luz madrugadora;
Eis ao prado ſahindo, em breve inſtante
Saudei anciozo a rubra freſca Aurora.

Depois erguendo a voz alti-ſonante,
O teu Nome invoquei, minha Paſtora,
E jurei de te amar, e ſer conſtante.

Albano Uliſponenſe.

Eu tive a gloria de beijar teu Nome.

SONETO.

NO tronco de huma liza faya, hum dia
Teu Nome com destreza Amor gravava;
E contente da obra que acabava,
Sobre as letras, seus labios imprimia.

Que velassem aly de Noute, e Dia,
Aos Amores o Nume entaõ mandava,
E tirando os farpões da eburnea aljava,
Entre elles por cautella os repartia.

Armada assim a Tropa voadora,
Temendo que eu ao tronco entaõ me assome,
Pertendia expulsar-me daly fóra.

Manda Amor, que o meu Nome se me tome,
Sou Albano, lhe disse, e sem demora,
„ Eu tive a gloria de beijar teu Nome. „

Albano Ulisponense.

SO-

C'os olhos ſempre fitos no regaço.

SONETO.

MEu bem, que mal te fiz? Porque motivo
Tu commigo naõ és, qual d'antes eras?
Dize, que te fiz eu? Faltei ás véras
De hum terno amor, qual ſabes exceſſivo?

Se o teu genio naõ he agora eſquivo,
Porque foges de ouvir vozes ſinceras?
Ou tu com outrem ſer feliz eſperas,
Ou cançaſ-te de ver que alegre eu vivo.

Ay de mim infeliz! ſe enternecer-te
Naõ ſabem já meus ays, rompa-ſe o laço,
Bem que falte o valor para perder-te.

Naõ queira o Ceo te eu ſirva de embaraço;
Pois mais do que morrer, me afflige o ver-te
„ C'os olhos ſempre fitos no regaço. „

Albano Uliſiponenſe.

C SO-

SONETO.

A O Reyno triſte, onde naõ entra o Dia;
Medonha habitaçaõ da cega Morte,
O Tracio Orpheo, d'Euridice conſorte,
Euridice buſcando, em fim deſcia.

Ao brando ſom da vóz que ao ar erguia,
Trifauce adormeceo, e em melhor ſorte,
Syzifo vio ſuſpenſa a penha forte,
Vedados pomos, Tantalo comia.

Já cede á vóz o Nume furibundo:
E Euridice que morta aly baixára,
De novo torna a vir á luz do Mundo.

Más eis que Orpheo olhando á Eſpoſa chara,
Se c'o a vóz a tirou lá do profundo,
C'o a viſta a ſepultou d'onde a tirára.

Albano Uliſiponenſe.

A's ondas se lançou Ero formoza.

SONETO.

Cançada d'esperar o terno Amante,
Ero infeliz ao Ceo se pranteava,
E como que o futuro adevinhava,
Aqui, e aly corria delitante.

D' Aurora em tanto a face radiante,
Nos mares pouco a pouco se espelhava;
E á frouxa luz, ao longe se avistava
Sobre elles hum Cadaver fluctuante.

A triste vacilava suspirando,
Nos braços da incerteza suspeitosa,
Athé que em fim se vai desenganando.

Então exasperada, e lacrimosa,
Do Charo Esposo os manes invocando,
„ A's ondas se lançou Ero formosa. „

Albano Ulisponense.

SONETO.

SE a mente arrebatada aos Ceos levanto,
E do Olimpo contemplo a immenſidade;
Se dos Aſtros obſervo a variedade,
Que ora goſto me cauſaõ, ora eſpanto:

Entaõ louvando a maõ que poude tanto;
Adoro a ſacroſanta Mageſtade;
E cheyo de reſpeito, e de humildade,
Bem qual outro David, mil Hymnos canto.

Mas ſe olho para o mundo entre agonia,
Eu choro o ver que a fragil natureſa,
Vai de mal a peior de dia em dia.

Geme o ſabio nos braços da pobreſa;
Deſpreza-ſe a virtude, e em companhia
Da Ignorancia, e do Vicio, anda a riqueſa.

Albano Uliſiponenſe.

Morrendo ás maõs cruentas da ſaudade.

SONETO.

Liſongeiras Imagens de alegria,
Em torno da minh'alma revoavaõ;
E ora os goſtos futuros me moſtravaõ,
Ora aquelles que em paz eu poſſuhia.

Após hum dia bom vinh'outro dia;
Placidamente as horas ſe paſſavaõ,
Nem palidos Receyos me turbavaõ,
No ſilencio da Noute eſcura, e fria.

Mas duravel naõ foi tanta ventura;
Amor, tiranno Amor, ſem ter piedade,
Funeſtou minha dita mal ſegura.

E por dar-me continua adverſidade,
Me faz gemer nos braços d'amargura,
„ Morrendo ás maõs cruentas da ſaudade. „

Albano Uliſiponenſe.

SO-

Chegou tarde o remedio da ferida.

SONETO.

A Força de lutar co' a desventura ;
Ao termo incerto Albano em fim chegava ;
Reger os passos inda, em vaõ tentava,
Nem seus olhos já viaõ a luz pura.

Marilia bella mais que as penhas dura ;
Por quem sem premio Albano suspirava,
Ao ve-lo moribundo lhe bradava,
Ou fosse compachaõ, ou já ternura.

„ Espera infausto Amante, eu te soccorro ;
„ Se o meu rigor te acaba a infausta vida,
„ A salvar-te da morte, ancioza corro. „

Eis Albano com voz interrompida,
Assim lhe respondeo : Ingrata eu morro,
„ Chegou tarde o remedio da ferida. „

Albano Ulisponense.

SO-

Em dobrados grilhões preza, e segura.

SONETO.

HA' no Averno hum lugar medonho, e horrendo,
Só para os delinquentes destinado;
Flagetonte aly corre abrasеado,
As flamivomas ondas revolvendo.

De hum lado as Furias trez em raiva ardendo,
As Serpes arrepellaõ do toucado;
Os Remorsos, e as larvas de outro lado,
Revoaõ negras azas debatendo.

Neste citio onde impera hum Deos proscripto,
De asperrima, e pesada catadura,
Medéa aos Céos, levanta inutil grito.

Foi Mãy cruel, injusta, féra, e dura;
E por castigo está do seu delicto,
„ Em dobrados grilhões, preza, e segura. „

Albano Ulisiponense.

SO-

****

Naõ foy só para mim , que o Céo fez iſto.

SONETO.

NOvamente , meu bem , a minha lyra ;
Conſagrada á verdade , e á ſingeleza ,
Eu me atrevo a pulſar ; tua belleza
He o aſſumpto brilhante que me inſpira.

Mas primeiro , que as aureas cordas fira ;
Louvarei ao Author da natureza ,
Que taõ bella te fez , e á gentileza
Do corpo , alma ſublime , e nobre unira.

Juntando em ti virtudes ſoberanas ,
Deo ao Mundo hum exemplo nunca viſto ,
De novas graças , graças ſobrehumanas.

E em te amar ó Alcina inda preſiſto ?
Ah ! ſe tu minha idéya naõ me enganas ,
„ Naõ foy ſó para mim que o Ceo fez iſto. „

Albano Uliſiponenſe.

SO-

Nas maõs de Amor, nos braços da Eſperança.

SONETO.

FOrmoſa Nynfa com fingido agrado,
Mil vezes me jurou a fé mais pura;
Porém, qual Sol d'Inverno que naõ dura,
Aſſim o ſeu Amor foy eclipçado.

Da falcidade atroz dezenganado,
Chamei-lhe Ingrata, Perfida, Prejura;
E jurei, que outra alguma formoſura,
Nunca mais roubaria o meu cuidado.

Foi meu proteſto em vaõ, que a minha eſtrella
Invejoſa de ver-me em tal bonança,
Moſtrou-me por meu damno Alcina bella.

Entaõ varrendó as juras da lembrança,
Entreguei-me de novo, e ſem cautella,
Nas maõs de Amor, nos braços da Eſperança.

Albano Uliſiponenſe.

SO-

SONETO.

EM meyo eſtava a Noute, e a vez terceira,
De hum Gallo negro o canto ſe eſcutava,
Quando para os preſtigios preparava
Diverſas plantas, velha feiticeira.

Trez vezes ao calor de huma fogueira,
Trez viboras, fatidica toſtava;
E outras tantas comſigo murmurava
Miſterios, invocando a ſtigie inteira.

Co' a eſquerda maõ na Terra deſcrevendo
Trez circulos, trez vezes lhes cuſpia;
Eis ſurge da fogueira Eſpectro horrendo.

„ Propicio agouro! a Maga entaõ dizia:
„ Albano que de Amor anda morrendo,
„ Com Alcina vai ter doce alegria. „

Albano Ulisiponenſe.

SO-

SONETO.

MEntes Lemano, a minha Celia amada;
Naõ he quem julgas, tenho melhor gosto:
Contempla esta pintura mal traçada,
Verás o engano, do que tens supposto.

Aureas madeixas tem, fronte nevada,
Olhos escuros, agradavel rosto;
Boca gentil de perolas orlada,
Collo de leite, e purpura composto.

He grata, esperta, affavel, carinhoza,
Meiga no gesto, no fallar fingella;
Cheya de encantos, delicada, airoza.

Os signaes aqui tens da minha bella;
Vê se a que dizes, para mim odioza,
Pódes acazo comparar com ella.

Belmiro Transtagano.

SONETO.

NAõ te comprehendo, coraçaõ mavioſo;
Por Jonia ingrata, amante inda palpitas?
Ao meſmo tempo, que fiel me gritas,
Que horror lhe tenha para ſer ditoſo!

Se afrouxo os laços, a carpir ſaudoſo,
De novo a amala, com razões me excitas:
Se m' inflammo em amor, todo te agitas,
E aveſſo fim me auguras lacrimoſo.

Ah! do letargo em que te vez diſperta,
Olha que cego ao precipicio corres;
Deixa a cruel, do jugo te liberta.

Mas que expiras me clamas! bem diſcorres!
Em tudo, em tudo és meu: ſe a morte he certa,
Morre adorando, que ditoſo morres.

Belmiro Tranſtagano.

SO-

SONETO.

NO ſeyo deſta fria ſepultura,
Jaz Lelia, a linda Lelia ſepultada;
Em terra convertida, em pó, em nada,
A graça, a diſcripçaõ, a formoſura.

Pelo braço cruel da Morte dura,
Ao mundo em freſca idade foy roubada;
E como era dos Ceos, aos Ceos levada,
Foy entre Cherubins ſua alma pura.

Ah! ſe os meus eccos podem commover-te,
Eſpirito feliz, no Olimpo ſanto,
Onde entre os Anjos, Adonai quer ter-te;

Põe termo ao pezar meu, porque entre tanto,
Que a Deos naõ rogas, que me ſuba a ver-te,
Eſte ſepulchro regará meu pranto.

Belmiro Tranſlagano.

SONETO.

Tinto de sangue por brazaõ mostrava,
Cupido hum ferro, que nas maõs trazia,
Com que de Celia traspassado havia
O peito esquivo, que a Fereza armava.

„ Este que illustra minha eburnea aljava,
Cravei na Ingrata „ para mim dizia;
E eu duvidozo da expressaõ que ouvia,
„ Como a feriste? Ao Nume perguntava.

Mas o Tiranno de affligir sedento,
Indo travesso a figurar o tiro,
Sem dó me fere e'o farpaõ cruento.

Foge-me d'alma a Celia hum vaõ suspiro;
E alegre o falço, de meu mal violento,
Ria „ me torna „ foy assim Belmiro.

Belmiro Transtagano.

SONETO.

CEos ! qu'implacavel horrida figura ;
Deſtas campinas, cruel poſſe toma,
De enorme vulto, viperina coma
Faiſcantes olhos, torva catadura !

Ponte-agudo Punhal na maõ prejura,
Goteando ſangue, com terror lhe aſſoma,
E em ferreo carro hiras Furias doma,
Prole cruenta lá da Eſtigie eſcura.

Ha a Diſcordia, que os Mortaes debella ;
Os paſſos ſegue da Illuzaõ ferina,
E os Odios aſſanhando nos flagella.

Mas eis lá deſce em nuvem criſtalina,
Santa Verdade ; foge o Monſtro ao vella,
E aos noſſos campos volve a Paz divina.

Belmiro Tranſtagano.

SONETO.

QUatro vezes na Ecliptica brilhante,
O Sol tem dado a circular carreira,
Depois que, linda Analia, a vez primeira
Vi teu rizonho, teu gentil semblante:

Desde taõ grato, venturoso instante,
Minh'alma de teus olhos prisioneira,
Por influxo da sorte lisongeira,
Colheu premicias de teu peito amante.

Milhões de vezes por mercê do Fado,
Espertos Argos temos illudido;
E horas furtivas de prazer logrado.

O Céo nos chegue ao prazo appetecido;
De alegres ver-mos, que Hymineu sagrado,
Nos doura os laços, que tramou Cupido.

Belmiro Transtagano.

MA-

MADRIGAL.

I.

Deichei por falça Armania deſdenhoſa ;
Amei Natercia dura ,
Que foy tambem prejura ;
Mas era mais que Armania em tudo linda :
Depois Lilia adorei , mais bella ainda ,
Deixeí-a por traidora :
Marilis amo agora ,
Que a todas na belleza ſe realça ;
Porém ſe em falta della ,
Heide ter para amar outra mais bella ,
O Ceo permitta que me ſeja falça.

Belmir. Tranſt.

II.

Quando mais terno a Lilia idolatrava ,
N'um dia em que o meu gado apaſcentava ,
De repente vi mortas duas rezes ;
Corvo ſiniſtro ouvi graſnar trez vezes
No cypreſte do rayo denegrido :
Temi , do fero agouro perſuadido ,
Ver fogo no Cazal , ronha no Gado ,
Ou outro algum ſucceſſo diſgraçado :
Porém naõ foi aſſim : Tive a ventura ,
De achar Lilia cruel nos braços de outrem ,
De riſcar da lembrança huma Prejura.

III.

Favonios liſongeiros,
Qu'eſpalhais meus ſuſpiros neſtes vales;
Correi, correi ligeiros,
E á dura Jonia repeti meus males;
Dizei-lhe as crebras dores;
Qu'excitaõ na minh'alma ſeus rigores:
Mas ah triſte de mim! vós illudidos
Levais ás broncas penhas meus gemidos!
Reparai que o meu bem, Jonia inclemente,
De pedra naõ he toda, tem de pedra,
O coraçaõ ſómente.

Belmiro Tranſtagano.

DESAGOGO DO ESTRO.

JAᶜ fatigado de forçar vãmente
Aferrolhadas portas do Futuro ;
Cançado de eſpreitar por varias fendas
O que o Tempo por vir me tem guardado ;
Surgir vejo o Phantaſma do poſſivel ,
Qᶜora ſe apouca , e ora ſe agiganta ;
Sinto o pavor , que vai calando as veias ;
E aqui me prende o ſangue , alli o agita ;
Ah ! quer fugir de mim minha alma afflicta :

Armania , Armania . . timido eu clamava ,
E os ſoluços a rouca vóz cortando ,
Só arma , arma . . pelo ar ſoava ,
E o Echo o triſte ſom hia alongando :
Naõ ſei ſe mais me aſſuſta a infeliz troca ;
Que faz perder teu nome em minha boca.

Mas graças a Morfêo coᶜa plumbea vara
O meu corpo tocou , e as dormideiras
Eſpremeu nos meus olhos aſſuſtados :
Cerraõ-ſe frouxamente á luz do dia ,
E afracando-me os pés , falhando o paſſo ,
Já na terra baquêa o corpo laſſo.

Outra vez a Morfêo as graças rendo,
Q'arranjando a revolta Phantaſia,
Faz q'em torno de mim ledos riſonhos,
Voem alegres liſongeiros ſonhos:
Vem com elles em placida miſtura,
Vivificas voluveis eſperanças:
Qual me moſtra a Abundancia bem de perto,
Q'a maõ eſtende, e ſobre mim entorna
O ſeu torcido cofre, nunca exhauſto;
Qual me faz ver q'o meu merecimento
(Quanto ſe alegra eſta alma com tal viſta)
Creſce de dia em dia, e vai ſubindo
A' ſombra do alto Trono, q'o eſcuda,
Dos raios que fulmina a ardente Inveja,
Ah ſeja embora aſſim, ſempre aſſim ſeja.

Quem avalia a confuſaõ q'eu tive,
Ao ver o lindo roſto da Ventura,
Na ſonhada phantaſtica figura?
Armania, Armania, viſte-me rizonho,
He q'eu vi a Fortuna, mas foi ſonho.

Pareceo-me que o Templo ſeu me abria,
Que tu a elle meſmo me guiavas,
Q'inclinando-ſe meiga, já me ouvia,
Q'á ſua protecçaõ tu me entregavas,
Q'a poderoſa maõ ella eſtendia,
E que de onde eu jazia, ella me alçava.
Já quaſi entrava as portas da Fortuna,

Eis

Eis ſubito ſe ergueo vapor eſpeſſo ;
Para aqui veu errado , alli tropeço.

Por entre a nuvem adiante oppoſta ;
O Templo eu vejo , as portas vejo abertas ,
Lá vejo os bens , que para mim pedias ,
Naõ he longo o caminho , o altar he perto ,
Mas ſe Armania me deicha , eu naõ acerto.

Armania , Armania , acode-me : que monſtro
De orelhas azininas , larga boca !
Naõ tem , naõ tem mais horridos latidos ,
O rouco ladrador das tres gargantas.
Cruel Maledicencia , aſſim ſe avança ,
Vomita em mim o infernal veneno ,
O' triſte ſorte do infeliz Lereno.

Porq' ajuſta co' a lira alegres verſos ,
Q'o louvor dos Heróes alçam ás nuvens ,
Ou com as graças entre as Ninfas brincam ,
He eſta a culpa infanda , he eſte o crime ;
Porq'o monſtro cruel o morde , e opprime.

Naõ quero revolver alheios faſtos ;
Tu meſmo ó Portugal , tu por mim falla ;
Moſtra o Grande Moniz junto ao teu berço ,
Fazendo na lingoage inda groſſeira ,
Rirem as graças , caſtas Muſas rirem.
E ſalva a Guimaraẽs , cumpre a palavra ,
Naõ envolve o vil pó ſua memoria ,
A fama canta ainda a ſua gloria.

Del

Deicha q' aſſome á Luſa Mageſtade,
E os ſeculos paſſados deſenvolva,
Moſtrarei maõ real, que teve o ſceptro;
E á lyra eburnea accommodou o plectro:
Co' a arte de reinar meſclam eſta arte,
Providente Diniz, ſabio Duarte.

Guardam as Muſas os baſtões, e as togas,
De illuſtres Portuguezes, q'educáram,
E ao Templo da Memoria em fim leváram:
Guardam-lhe as Mitras, guardam as Tiaras,
O devoto ſaial, o burel toſco,
E os hymnos, que do ermo ao Ceo ſubiram,
Inda entre nós por ſua gloria giram.

Cal-te ó monſtro infiel, monſtro malvado,
Eu indigno naõ ſou, ſou diſgraçado,
Q' he iſto? O' Ceos! deſmaio: eſpectro novo!
Gorro emplumado o roſto ſeu me oculta:
Pende dos hombros remendada capa,
Já com poucos botões prende o juſtilho,
Ata-lhe velha fita as ſofas calças,
Rotos pantufos, mal ſerzidas meias!
Q'he iſto? O ſangue ferve-me nas veias.

Huma eſpada, ſobraça, longa, e larga,
E pende-lhe á direita a aguda adarga:
Pede em cuja eſcudella o ſeu ſuſtento,
E em quanto eſpera a promettida eſmolla,

Do

Do irſuto peito tira, e deſenrolla
Groſſo volume em que ateimado eſcreve;
As armas, e os varões aſſignalados,
Q' verſos triſtes, verſos diſgraçados:

Eis q' a triſte viſaõ deſaparece,
Armania, Armania entendo a minha ſorte:
Mas naõ importe, Armania, naõ importe,
Naſci Poeta, em vaõ ſerá cançar-te,
Soffro o meu Fado máu, nada mais peço,
Eu tiro hũ bem da minha deſventura,
O Ceo modera, ao Ceo pois o agradeço.

Deo-me a arte divinal, a feliz arte,
De eternizar mortais, de eternizar-re,
E poſſo na Pieria companhia,
Salvar das maõs do Tempo o digno dia;
Que te deo hũa Irmã, tanto Irmã tua,
Vou ſeguir tua memoria, e a ſua,
Morro vaidoſo ainda ás maõs da fome,
Q' immortalizo os outros, e o meu nome.

Leveno Selinuntino.

DYTHIRAMBO
AOS ANNOS DE CASSIDRO.

DE meus Verſos inclitos,
A falange harmonica,
Hoje eſcolto impavido;
Tu Niſeo benevolo
Lhe arma as dextras validas,
De mil ſettas fulgidas,
D'harmonia inſolita;
E o brilhante exercito,
Com viçoſos pampanos,
Todo coroado,
Por mim commandado,
Acoſſe,
Deſtroſſe,
Flagelle,
Debelle,
Sobpée,
Golpée,
As catervas múrcidas,
Dos mais verſos infimos;
Qu' intentarem perfidos,
Com ſeus echos turbidos,
Profanar eſte dia aventurado,
Conſagrado,
De Caſidro aos fauſtos annos.

De

Confundaõ-ſe; paſmem-ſe, abiſmem-ſe,
De ouvir-me os humanos.
Que prazer! Do licor eſpumoſo
De Borgonha, do Rheno famoſo,
Libarei tantos copos goſtoſo
Quantos annos conta
Caſidro facundo,
Com paſſo do Mundo:
Evohe! Que ſuprema alegria
A minha ſeria,
Se agora Caſidro mais annos tivera,
Que os annos pezados,
Que opprimiaõ os hombros cançados,
Do Filho de Chlori que Pyli regera;
Porque entaõ á vontade me enchêra
Do licor divino,
Que ſegrega d'alma
O Pezar ferino.
Eis amigo, começo a brindar-te.
Se as maõs dadivoſas
Da errante Ventura
Me naõ enchem de bens que offertar-te,
Mil ſaudades aceita famoſas
Por brilhante gentil colgadura.
Licor corado,
Naõ quero agora;
Venha deſſe alambreado,
Que dá goſto, que vigora
Os membros tremulos,
Que preſta eſpiritos,

Que

Que aos frios animos
Dá novo ardor.
Evohe ! Que ſuave licor !
Tu naõ és mais grato Amor ;
Tu naõ tens maior doçura ,
Quando entre os braços
De Laura bella ,
Com forçoſos doces laços ,
O meu peito unindo ao della ;
Me desfazes em ternura
O mavioſo coraçaõ.
Mas que nuvem ligeira globoſa
No ſeyo me encerra !
Eis me ergue da terra ,
Sobre o dorço dos ventos poſſantes
Thé à orbita de Herſchel famoſa ,
E mais d'Hell as tres celicas plagas.
Malezieu , Leeuwenhoèk
Qual de vós me empreſta agora
Hum dos voſſos claros vidros ,
Já que ſubo á eterea abobedá ,
Quero ver ſe o aſtro fulgido ,
Tem as fuſcas triſtes maculas ,
Que lhe achára o trefo Scheinero;
Se lhas vir , por Bacco o juro ,
Apago-lhas , tiro-lhas ,
Para mais brilhante , e puro
Eſte dia illuminar.
Vinolencia naõ he , mil Soes diviſo ;
Eis canjo além dos Orbes ;

Eis

Eis toco a azul esféra :
Nuvem luzente
Hum pouco aſpera ;
Deixa primeiro que engrinalde a frente
Da rama frondente
Em que Cyſſo danſante affamado ,
Foi na morte , por Evio , tornado.
Conſente que eſte almude
De grata Malvaſia ,
Eu beba hoje á ſaude
De taõ ditoſo dia ;
E que nas cordas de ouro
Da minha branda Lyra ſonoroſa
As virtudes entoe de Caſſidro.
O' nuvem preſſuroſa ,
Aonde me puzeſte ?
He eſte , dize , he eſte ?
Das eſquivas Cytherides ,
O monte eſplendido , celebre , ingreme ,
A quem de balde
Subir intentaõ
Mil enfunados vaidoſos humanos ,
Onoerotalos de canto ſiniſtro ,
Que miſturar-ſe pertendem nos córos
Dos Cyſnes canoros
Do manſo Cayſtro ?
Ah quanto o Sagrado
Brizeu me protege ,
Lá vejo ſentado
De çafiras n'um Trono brilhante ,

O Nume que o rege
A luci-rorante
Carroça do Dia.
Ao dextro lado
Tem coroado
De immarecevel louro verdejante
Caſſidro facundo,
Que a tubi-ſonante
Aurea Fama eterniza no mundo:
Ledas as Camenas
Cantaõ á porfia,
Gratas Cantilenas,
A ſeu ditoſo, natalicio Dia.
O' tu Caliope, Delfica, harmonica,
Sabia Nynfa que preſides
Ao ſupremo grato Coro,
Das venuſtas Libethrides,
Manda calallas,
Manda deixallas
As brandas Lyras,
Os Alaudes,
Porque hoje arrogo,
Abraſado no Bacchico fogo,
O prazer de cantar-lhe as virtudes.
Venhaõ dez, cem, trinta almudes
Do gageiro nectar louro,
Que produz o patrio Douro;
Aureo ſumo placido,
Que do peito gelido,
De Britano aſtuto,
Do Belga verſuto, De-

Degrada ,
A fera ,
Peſada ,
Severa ,
Malvada ,
Triſteza ,
Cruel.
É que a gente aquilina que piza
As Terras fecundas ,
Que o Dravo ameniza ,
As magoas eſpanca ,
E d'alma lhe arranca
Pelas azas tremulas
O palido , timido , atonito ,
Frio Suſto arrepiado ,
Que lhe gera o macerado ,
Othomano perfido ,
Com falanges barbaras ,
Com perfidias horridas ,
Invazões terrificas.
Peian ! Que gloria meu Peito repaſſa !
Eſta bojuda taça ,
Formoſa , criſtalina ,
Do Bacco apreciavel
Da Lesbica Mithina ,
Bebo de hum gollo :
Vaidoſo Apollo
Vem commigo competir ,
Que de ti me quero rir.

Sim, que hei de ver,
Se eu a beber,
Tu a cantar,
Me haſde igualar.
Mil bens, mil graças chovaõ
Em ti famoſo Dia,
Já mais poſſaõ roubar tua alegria,
Serrados nevoeiros,
Glaciferos chuveiros:
Nunca do rouco troador Trovaõ;
Oiças triſte, e pavido;
Ribombando o crepito,
Nos rochedos concavos,
Quando açoitadas por feróz tufaõ,
Ruem as rotas, glomeradas nuvens;
Vibrando contra a lamentoſa terra,
Tri-farpas ſettas de azulado fogo.
Mas que chuſma aligera;
De Meninos trefegos,
Ante mim revôa?
Hydra virolenta,
Que aſſanhada com ſilvos medonhos;
Inveſtir-me intenta,
Entre ſi preſa trazem riſonhos:
Ah bem vos conheço
Meninos traidores,
Vós ſois os Amores,
Flagelo da gente;
Eſſa dira eſcamoſa ſerpente;
He a perfida triſte Lembrança;

Das

Das traições, tirannias, rigores,
De Jonia prejura.
Xou pequenos voadores,
Naõ venhaes neſte almo Dia
Perturbar minha alegria.
Colhei mirtos, colhei flores,
Enlaçai verde capella,
E com ella,
Adornai a fronte linda
De Theorinda
Virtuoſa,
De Caſſidro cara Eſpoſa.
Vai loução Ganimedes ſolicito,
Traze-me rapido
Da pingue Malaga,
O licor trimo,
Que prézo, e eſtimo
Tanto,
Quanto,
Prézo da minha encantadora Analia
Os beijos furtivos,
Os ternos agrados,
O roſto jocundo,
O genio amoroſo,
Os olhos fulgentes,
Por quem ſou no Mundo;
O mais venturoſo,
Dos ternos viventes,
Que ſervem a Amor.

Que lautiſſimo, doce licor!
Cem, trezentas formoſas luzinhas
Rouxas, verdes, côr d'ouro, encarnadas;
Naõ vejo apreſſadas
Pelos ares diſperſas vagando?
Eis os copos ligeiros dançando!
A caſa de roda!
Thé a gente, que vejo anda toda;
Ora aqui, ora aly baqueando.
Oh Nictyleu,
Quanto he potente,
O licor teu!
Só felizmente,
Eu lhe reſiſto!
Mas que fazes? Oh Numen! Que he iſto?
N'altiva frente
Pões-me d'Hermes o alado Galero;
Commigo taes graças,
Epafio naõ quero;
Eis maligno outro damno me traças!
A cabeça dos hombros me tiras,
Aos ares ma levas,
E os Orbes mil vezes com ella regiras!
Se eu fora de Phorco,
A filha malefica,
Anguicoma rabida,
Que do horrivel Orco
As entranhas defende ſevera,
A gente diſſera,
Que tu Baſſareu,

Eras

Eras o louco, atrevido Perſeo.
E bem feito eſte aleive ſeria,
Já que fazes de mim zombaria.
Mas Numen preverſo,
Se naõ me conſentes,
Encher o Univerſo
De aſſombro, d' eſpanto,
Co' as vozes cadentes,
De meu ledo canto,
Ao menos Oreo
Como déſte afflicções inclemente,
Co'as tiranicas rabidas Tyades
Ao ſacrilego ſobrio Phantheo,
Caſtiga,
Fuſtiga.
C'o Thyrſo frondente.
A todo o vivente,
Qu' intente
Depois de eu callado,
Sem reſpeito a meu eſtro ſagrado,
Os famigeros annos ditoſos
De Caſſidro tambem decantar.
Se eſte goſto me cumprires
E a cabeça orbi-vagante
Outra vez me reçarcires,
Com vermelho ledo roſto,
Júro ao Ceo, ao Ceo brilhante
De fazer-te a honra, o goſto
De o teu nome celebrar.

Belmiro Tranſtagano.

IDYLIO MAGICO.

N'Um boſque tenebroſo emmaranhado,
O terno moço Elvandro ſe envolvia,
D'implacaveis ciumes flagelado.

Nas penugentas faces lhe corria,
Pela falça Nicéa, amargo pranto,
Que de ouvillo gemer, vaidoſa ria.

Da Noute horrivel o medonho manto
Enchia a terra de temor profundo;
De Aves ſyniſtras ſe eſcutava o canto.

Bramia o rouco vento furibundo,
Do poente o Ceo nublozo fuſilava,
De groſſa nevoa ſe cobria o mundo.

Entaõ medroſo o terno Elvandro, entrava
Por huma triſte lobrega caverna,
Onde o Mago Faſcino ſe alvergava.

Frouxo claraõ de funebre lucerna,
Globos, ervas, reptiz lhe deſcobria;
Inſtrumentos da magica ſuperna.

Ba-

Banhado em pranto, cheyo de agonia,
Aos pés do Pytoniſo macilento,
O triſte a cauſa do ſeu mal dizia.

Torcendo os olhos o eſcutava attento
O ſombrio agoureiro, e lhe affirmava,
Que fim teria ſeu cruel tormento.

Do ſinuoſo alvergue ſe apartava,
E d'alva Trivia ás luzes duvidoſas,
Comſigo altos miſterios recordava.

No entanto Eſpectros, larvas eſpantoſas,
Negros Lemures, fogo reſpirando,
Surgem das ſeccas inoitas pavoroſas.

Vóz naõ reçôa, poẽ-ſe o vento brando;
Vai pouco e pouco á vaſta ſerrania,
Hum profundo ſilencio adormentando,
E o Mago deſta ſorte principia.

Com eſta vara de cervino trevo,
Cortada à meya noute em minguante,
Trez circulos concentricos deſcrevo,
Déz tangentes lhes tiro, huma ſecante:
Onze vezes agora encarar devo,
Da fria Lua o palido ſemb'ante,
Com vivas preces, oblações miſturo,
Triforme Deoſa, attende ao meu conjuro.

De novo ás Féras deſte boſque amento;
De venenos lethaes componho hum miſto;
A terra firo, cruzo o firmamento,
E d'alva Pomba o coraçaõ regiſto:
Dou viſta ao velho lobo turbulento,
Que depois que o ceguei, tem Phebo viſlo,
Dez vezes hum coluro, e outro coluro:
Triforme Deoſa attende ao meu conjuro.

Eu pude á força das palavras minhas,
Matar a velha feiticeira Ecata,
Que ás gargalhadas entre accezas pinhas,
Cruzava os rios, convertida em Pata;
E a veſga Brucha Gorla, que ás veſinhas
Os tenros Filhos enſarilha, e mata,
Dei vida, revoquei do Averno eſcuro:
Triforme Deoſa, attende ao meu conjuro.

Poſſa tambem meu filtro poderoſo,
Roubar hoje a Nicéa, Gil dos braços,
E entre elles pôr Elvandro deſditoſo,
Que illeſos beija ſeus amantes laços:
A's Deidades do Reyno pantanoſo,
Aſſuſtem meus encantos, e ameaços;
Trema Thetis no mar, nos Ceos Anxuro:
Triforme Deoſa, attende ao meu conjuro.

De-

Depois que abrazo a myrrha em cinco lumes,
Sobre o fino-famaõ descripto ás canhas,
Nesta fitale o ferro de trez gumes,
Trez vezes cravo, e tiro-lhe as entranhas:
Desfeitos sejaõ teus crueis ciumes,
Como no fogo lhe desfaço as banhas;
Ditoso vejas teu amor futuro:
Triforme Deosa, attende ao meu conjuro.

Bem como esta Betilia encantadora
Pula aos ares, e cahe no chaõ tremendo,
Pule, e trema no peito da traidora,
O falço coraçaõ d'ancias morrendo:
O ramo do verbasco accendo agora
Na pedra Apsitos, e igualmente accendo
Entre os dous, mil discordias, odio puro:
Triforme Deosa, attende ao meu conjuro.

Agora envolvo o peçonhento sapo,
Na barba negra do Lidroso Bode;
Tapo-lhe os olhos, e á Tiranna os tapo;
Já Niceá cruel, ver Gil naõ póde:
Sequei, mohi do branco Mocho o papo,
Eis os póz, tu por cima lhos faccode;
Tal filtro abranda o coraçaõ mais duro:
Triforme Deosa, attende ao meu conjuro.

Assim

Aſſim como diſſipa o ſubtil vento
O fumo do Zacoum, que eſtou queimando;
Se diſſipe á cruel do penſamento
Do teu competidor o aſpecto brando:
Retorſo (que aſſim ambos atormento)
Da Urſa a cauda, que arranquei fitando
O olho eſquerdo no chuvoſo Arturo:
Triforme Deoſa, attende ao meu conjuro.

Trez folhas de Serpol nas maõs eſtallo;
Tu eſtalla outras tantas de Amoreira,
Antes que o negro eſpantadiço Gallo,
Bata as azas, e cante a vez treceira:
Dize agora: De mil ſaudades rallo,
Nicéa eſquiva; e ralla eſta Toupeira,
Que pelo eſquerdo pé, na maõ ſeguro;
Triforme Deoſa, attende ao meu conjuro.

Do bicudo Toucan, da verde Rella,
Que abrazei com enxofre, as cinzas lanço
Na cabeça da Vibora amarrella,
E em fima aqui lhe eſmago eſte licranço;
Veneficio taõ forte, á Nynfa bella,
Que he taõ falça, e que rouba o teu deſcanço,
Fará de cera o coraçaõ prejuro:
Triforme Deoſa, attende ao meu conjuro.

O Phelonio, a Mandragora, o Dictamo;
Queima em fima do feto com ſementes;
E em quanto a chamma ondêa, piza o ramo
Co'eſquerdo pé deſcalço da Nepentes:
Por mim, dize, de amor arda quem amo,
Pizar poſſa afflicções, zellos ardentes;
Em quanto eu certas orações murmuro:
Triforme Deoſa, attende ao meu conjuro.

Neſte olho meio azul de branco Touro,
Na conjunçaõ de Aldebaran tirado,
C'os dentes crava o páu do funxo louro
N'agua do Merrha, e do Silon banhado:
Se o vires botar lume, he fauſto o agouro...
Mas eis s'inflamma; foy propicio o Fado,
Nicéa he ſó teu bem, fica ſeguro:
Trina Deoſa, attendeſte ao meu prejuro.

Callou-ſe o velho augure, e preſſuroſo,
Na eſquerda o lituo vezes trez erguendo,
Mil preſtigios explora jubiloſo.

Troou terrivel hum Trovaõ tremendo;
E preſa d' improviſo em doces laços,
Se vê Nicéa votos mil fazendo,
Do terno Elvandro nos ditoſos braços.

Belmiro Tranſtagano.

O DES-

O DESPRESO PUNIDO.

NO mel do Hyméto, e na Accidalia fonte,
Plumoſa, ſetta de dourado gume,
Amor banhava;
Depois as azas preſſuroſo abrindo,
Os ares fende;
A traz deixando, luminoſo ſulco,
Bem qual acezo, orbicular cometa,
Que a cauda alonga.

Cantando alegre, dirigia o vôo
A' pobre Aldêa, e á cabana pobre
De Tirce bella:
Em paz a Nynfa, dormitando eſtava,
De ſuſto alheya;
A trança de ouro lhe deſcia ao collo;
No curvo braço recoſtada tinha,
A nivea fronte.

Baixando á terra, liſongeiro pára
Aos pés de Tirce, o vencedor dos Numes,
E o arco atteza:

A

A farpa de Ouro, c'um ſorriſo grato,
D'aljava tira;
E qual acerta, Caçador perito,
Aſſim no eſquivo alabaſtrino Peito,
Amor lhe acerta.

Acorda a Nynfa, ao treſpaſſar do ferro;
O quente ſangue em borbotões ſurgindo,
Lhe tinge o ſeyo:
Hum ay ſentido, o coraçaõ raſgado,
Anciоſo exala;
Pelo ar ſe cruſaõ, doloroſos gritos:
E o pranto amargo, que dos olhos verte,
Lhe alaga o roſto.

A vóz ſoltando, em laſtimoſa queixa,
Prorrompe afflicta, contra Amor tiranno,
Que aſſim a fere:
Vingança pede; mas o Ceo naõ ouve,
A vóz magoada;
E apennas Echo, ſolitaria, e triſte,
No fundo ſeyo, do veſinho Boſque,
Os ays repete.

Amor que o eſtrago, do ſeu golpe obſerva,
E tem ſegura, a deſdenhoſa Nynfa,
Aſſim lhe falla:
„ E's tu aquella, que inſultou meu nome,
„ E de mim ria?

„ Por-

„ Porque naõ zombas, como já fizeſte?
„ Sou eu agora, mais cruel, ou forte?
„ Sou outro Nume?

„ Ahy tens o premio do fallar ſoberbo;
„ Ahy tens o fructo, da izençaõ paſſada;
„ Agora geme. „
Entaõ cortando, novamente os ares,
A terra deixa;
E á ſelva Idalia, donde a Mãi o eſpera;
Chegando ledo, lhe narrou goſtoſo,
O ſeu triunfo.

Albano Uliſiponenſe.

ODE

ODE SAFICA.

EM quanto o eſpaço dos deſertos ares,
Triforme Deoſa, de argentino roſto,
Seguindo a larga orbicular carreira,
Placida mede:

Nas leves azas do deſejo accezo,
A mente elevo, e deregindo o vôo,
A' porta chego da engraçada Armania
Candida, e bella.

Eis entro, e obſervo o Divinal Semblante,
Por quem no peito o coraçaõ palpita;
O quente ſangue, nas roucheadas veyas,
Fervido pula.

He ella, he ella, naõ me illude a mente;
Os garços olhos, o meneio airoſo,
Ah ſaõ de Armania, que ſorrindo moſtra
Perollas raras.

Eburneo collo d'eſiremada alvura,
Eu vejo, eu vejo; quanto ao Jaſpe excede?
Té Cypria meſmo, de tal ver ſentira
Rabida inveja.

Naõ

Naõ he mais linda . a deſgrenhada Aurora ;
Nem mais brilhante , o luminoſo Nume ,
Que lá do Ethereo , ſobre o Mundo eſpalha
Nitidos rayos.

Valor ; Albano , que opportuno o tempo ;
A mil prazeres , te convida agora ;
Ah ! vê , que os breves momentaneos goſtos ,
Rapidos fogem.

A' Nynfa chega , por quem tu ſuſpiras ,
Jura-lhe eterna , ſem igual conſtancia ;
E a face , e o collo , onde as Graças brincaõ
Sofrego beija.

Mas Ceos ! que ſinto ? Quem me atalha os paſſos?
Gelado ſuſto pelas veyas corre ;
Medonhas Larvas entre os olhos tenho ;
Pavido fujo.

Eis negro bando de crueis remorſos ,
Batendo as negras penugentas azas ,
Lá do enlutado , pavoroſo , e triſte ,
Baratro ſurge.

A mim ſe chega , o coraçaõ me aperta ;
E nelle entorna , abraſador veneno ;
Já ſinto as ancias da veſinha morte ,
Miſero Albano !

Per-

Perdoa Armania , o meditado insulto ,
Profana boca , de hum mortal indigno ,
Tocar naõ deve divinaes thesouros ,
Pudicos sacros.

Amor , que o terno coraçaõ me opprime ,
He quem motiva os dilirantes erros ,
Em que eu cahira , e de que afflicto verto
Lagrimas tristes.

Mas se a tua alma , compassiva , e bella ,
Piedade sente , de quem geme afflicto ,
Ah naõ me negues o perdaõ qu'imploro
Supplice , humilde.

Albano Ulisponense.

De Jacindo Ulisponense, a Belmiro Transtagano.

ODE.

Nem sempre no soberbo Capitolio
Jaz a sorte amarrada.
Mil boidos punhaes, subito brilhaõ:
Os atonitos Jasões
Alaga de vermelhas espadanas
O Vencedor de Roma.
No meio dos festins, das lautas mesas,
Das travessas Licores
Sopra a fatal Discordia a rouca tuba.
C'os despidos Escravos
Solitarios sertões affouto rasga
Macilento Mineiro;
Morre na setta de buçal Tapuia.
Vara na ignota praya
Desconcertado baixel; surgem na arêa
Despedaçados Nautas.
A rapida torrente da Disgraça
Torres, e Colmos sorve.
De atilados projectos a memoria
Boya nas pardas ondas.
Em potentes columnas bronzeadas
Sabio illustre Belmiro Teus

Teus Verſos immortaes circum-luzentes
Triunfando reſiſtem.
Rangendo em vaõ raivoſo o rijo dente
O Zoilo deſcorado.
Dos Corinthios Padrões longe ſerpêa:
Batendo as fuſcas azas
Silva-lhe em torno matador ciume,
Eſtrepitoſa Inveja;
Pululantes freneticas falanges
De Odios inſanos rege.
Qual por mortas lagoas ermas balſas
Com enfiado roſto
Erra bramindo o temerario Oreſtes:
Aſſanhados Eſpectros
Rebeldes Furias ululando o ſeguem.
Aſſim, aſſim o Monſtro
Ante o torvo eſquadraõ graſnando vaga
Chimerica victoria.
Eis rompendo as esferas luminoſas
D'auri-azulada nuvem,
O burnido pavez no ar fulilla
Da guerreira Minerva.
Ao claraõ do metal eſpavorida
A reproba canalha
Em confuſo tropel ondeando corre;
E no dormente rio,
Com ſonoro ruido reſvalando
Sepultada blasfema.
Nos bi-plumes Frizões da Fama vôa
Teu nome á eternidade.

AO NASCIMENTO
DO EX.mo SENHOR
D. LUIZ MARIA RITA JOSE'
LOURENÇO DE CASTELLO BRANCO
VASCONCELLOS E SOUSA.

ODE SAFICA.

O' Tu que em ocio, vergonhoso passas;
As longas horas, dos inuteis dias,
Disperta ó Musa, e pressurosa entôa,
Saficos Versos.

O eburneo Plectro, sobre as aureas cordas;
Mil sons lhe tire, concertados brandos;
A vóz se eleve, á regiaõ que habita,
Fulgido Nume.

Eu sinto, eis sinto, arrebatar-se a mente;
Já pizo a estrada, que conduz ao Pindo;
E os ramos colho, do virente, e eterno,
Delfico arbusto.

Com

Com elles orno á deſgrenhada fronte ;
E a cava Lyra , que afinára Delio ,
Pulçando affouto , louvar quero o tenro ;
Inclito Infante.

Comtigo fallo , ſingular vergontea ,
Do tronco illuſtre , de Caſtellos-brancos :
Que tens de Souſas , Vaſconcellos , Cunhas ,
Limpido ſangue.

Eſcuta as vozes , de hum Paſtor ſincero ,
Que humilde canta , o venturoſo inſtante ,
Em que tu viſte , pela vez primeira ,
Nitida Aurora.

Mas ah que obſervo ! Teus Avós preclaros
As frias campas , dos ſepulcros abrem ;
Vem ver o Filho de ſeus grandes Netos
Inclitos Condes.

Vem entre a turma , dos Heróes famoſos
O grande , o ſabio , *Mem Rodrigues* forte ;
He Vaſconcellos , que deixou no Mundo
Celebre Nome.

Hum vio do fero , Adamaſtor a fronte ,
E ſulca os Mares , que deſcobre o Gama
Vence outro ouſado , no furor da Guerra
Belicos Póvos.

Taes saõ aquelles de quem tu descendes ;
Heróes , que ainda nos annaes da Fama ,
Conservaõ pura , alti-sonante , e digna
Posthuma gloria.

Concelho , e exemplo , teus Avós vem dar-te ;
He este o livro , que aprender , tu deves ;
Senhor , folhéa bem attento as aureas
Paginas suas.

E quando o exemplo dos Avós naõ baste ,
O Pay te ensine a despresar o Mundo ;
A ser honrado , servir bem a Patria
Candido , e Justo.

Albano Ulisiponense.

ELE-

ELEGIA.

CRuel, que te fiz eu? Que horrendo crime
Commetti contra ti? Haver-te amado?
Inda mal que a pachaõ tanto me opprime.

Se provas evidentes naõ te hey dado,
Meu roſto obſerva bem, veráz qual ſeja
O fogo que as entranhas tem queimado.

E he poſſivel cruel, que hoje eu te veja
Afaſtar-te de mim, fugir de ouvir-me!
Já minha companhia te he ſobeja?

Dize, dize ſe goſtas de affligir-me
Ou ſe tens outro amor: Ah por piedade,
Mais tempo naõ pertendas illudir-me.

Se eu te ſou odioſo, he crueldade
Naõ me dares hum triſte deſengano;
Que ſendo dado a tempo, doe metade.

De huma vez da lembrança riſca Albano;
Eſquece-te do Nome de hum vivente,
Que te vio, que te amou para ſeu damno.

Se ó teu peito cruel já não consente,
Que eu seja qual thé gora afortunado;
Enquece-te de Albano descontente.

O Ceo que te formou, terá cuidado
De te dar hum Amante mais ditoso,
Mais digno do que eu sou de ser amado.

Não nasci para ti, será forçoso
Que de ti me separe, e que á ternura
Ponha hum freyo pesado, e rigoroso.

Mas cruel para que, dize perjura,
Meus votos aceitaste a vez primeira,
Em que de Amor te fiz terna pintura?

Querias ver minh'alma presioneira?
Fartastes a vontade; e agora Ingrata
Desprezas minha fé constante, e inteira?

Voraz tempo, que tudo disbarata,
Não quebrou os meus laços amorosos;
Tua mão que os formou he que os desata.

Breves dias de paz, dias gostosos,
Vi apenas rayar; eis negro manto
Da tristeza os tornou dias penosos.

Aca-

Acabou-ſe a illuſaõ, deo fim o encanto;
E em premio ſou, do terno amor que ſinto,
Condemnado por ti a amargo pranto.

Os males que me eſperaõ naõ te pinto
Por te naõ affligir; mas ſe hum inſtante
Acreditas cruel, que eu te naõ minto,
Sabe, que eu vou morrer, e morro amante.

Albano Uliſponenſe.

CANÇONETA.

NAs azas librado
O cego Cupido
Voava ligeiro
Ao Templo de Gnido.

Na eſpadua pendente
A aljava trazia;
E o arco trocido
Na dextra ſe via.

Ao Templo chegando
Convoca os Amores,
E diz-lhe que entoem
De Alcina os louvores.

Eis ſoltaõ as vozes
Os ledos frexeiros:
E todos ſe apreſſaõ
Por ſer os primeiros.

Amor que iſto obſerva
Benigno os ſepara;
E hum coro, e outro coro,
Da Amores prepara.

Co-

Começa o primeiro
Louvando os cabellos ;
Faz o outro a pintura
Dos ſeus olhos bellos.

Hum louva das faces
O fogo , e a brancura ;
E o outro do collo
A nivea miſtura.

Aquelle no corpo
Mil graças deſcobre ;
Diz eſte que a anima
Eſpirito nobre.

Aſſim á profia
Goſtoſos cantavaõ ;
E os dotes de Alcina
Cantando louvavaõ.

O Nume contente
De ouvir taes louvores ,
Pagou c'um ſorriſo
Aos ternos Cantores.

Depois eſcrevendo
O nome de Alcina ,
Mandou que o levaſſem
A' bella Erycina.

A Mãy vendo o nome
Da linda Paſtora
D'Inveja incendida
As faces colora.

Mas dentro em ſeu peito
Callando o que ſente,
Moſtrou que de vè-lo
Ficava contente.

E para que o Filho
Depois o ſoubeſſe,
No Altar pôs o nome,
Que tanto merece.

Eis manda que Inſenſos
Nas aras lhe accendaõ,
E que as niveas Pombas
Ao carro lhe prendaõ.

Entaõ meneando
As redeas mimoſas,
Os Brutos fuſtiga
Co'açoute de Roſas.

Chegando á Cabana
De Albano amoroſo,
„ Acorda, lhe diz,
„ Paſtor venturoſo.

„ O

„ O Nume potente
„ A quem tens servido ,
„ Quer hoje pagar-te
„ O que tens soffrido.

„ Conhece que adoras
„ A candida Alcina ,
„ E para ser tua
„ Hoje elle a destina.

„ Tu pódes amalla ,
„ Pois tens , eu to juro ,
„ Propicio meu Filho :
„ Ah ! vive seguro. „

Callou , e sobindo
A Esfera azulada ,
Voou de Cythera
A fresca morada.

Alba no Ulisiponense.

O TEMPLO DE GNIDO.

DA molle cama de roſas
O frouxo Morfeo ſe erguia,
E dos cem Filhos cercado,
Sobre os Humanos deſcia.

Eu minha Analia tiranna,
Penſando nos teus rigores,
Pranteava a diſventura
Dos meus infauſtos amores.

Eis que hum aligero ſonho
Em torno de mim voava,
E das lethargicas flores
Minha frente coroava.

Logo junto de mim vejo
Hum tenro Menino alado,
Em cujo lindo ſemblante
Brilhava hum riſonho agrado.

Puchando por mim, diz ledo:
„ Eia mortal vem commigo,
„ Vem ver Analia, qu'intento
„ Ser brando hum hora comtigo.„

Plu-

Plumoſas azas me preſta
Ambos os ares cortámos ;
Taõ leves , que aos leves ventos
A pós vencidos deixámos.

Sobre a mageſtoſa Gnido
Noſſo vóo ſuſpendemos ;
E ás faldas de hum freſco monte
Com brando adejo deſcemos.

Creſpa murta, Paphias roſas
Toda a terra tapizavaõ ,
Por entre as quaes ſerpeando
Manſas agoas murmuravaõ.

Niſto o meu guia ſe occulta ,
Dizendo-me ,, Eis de Accidalia
,, O ſacro monte , aqui pódes
,, Ver meiga comtigo Analia. ,,

Logo ſubo á freſca cima ,
Nella erigido contemplo ,
Topetando co'as eſferas
Da Deoſa o Sagrado Templo.

Corintias altas columnas ,
A faxada guarneciaõ ;
Em groſſos quicios fulgentes
Eburneas portas gemiaõ.

Che

Chego ao atrio ſumptuoſo,
E apenas os lares pizo,
Da mageſtade que vejo
Aſſombrado me deviſo.

Fulvo metal reluzia
Nos ſoberbos alizares;
De gemmas ſe adereçavaõ
Os thuricremos Altares.

Pelas douradas paredes
Em quadros d'alta memoria,
Da Deoſa ſe contemplava
Toda a liſongeira hiſtoria.

Nos Phrigios Campos ſe via
Meigo o ſemblante formoſo,
Nos braços terna apertando
O Pay do Teucro piedoſo.

N'outro quadro ao tenro *Adonis*
Sobre ſeu collo amimava;
E as roſeas faces imberbes
Com vivo ardor lhe beijava.

Em torno os meigos Prazeres
Voar ſe viaõ goſtoſos,
E os Zefiros entre os ramos
Suſpirarem d'invejoſos.

Em fertil gramineo monte ;
Que ao freſco Tempe excedia ,
Manſo gado paſtorando
D'Hecuba o Filho ſe via.

Alli a bella Dione
As nuas carnes moſtrava ;
E na belleza vencidas
As outras Deoſas deixava.

Notava-ſe o aureo pomno
Da torva Diſcordia fera ,
Que em troca d'altos amores
O Paſtor d'Ida lhe déra.

Mil couſas contemplo , menos
As redes de ſubtil arte
Com que o zellozo Vulcano
Preza a tivera com Marte.

Junto ao Portico ſoberbo
Deviſo hum Menino alado ,
N'um Trono de ouro , e brilhantes ,
De arco , e de ſettas armado.

Cultos lhe dou reverente ;
Quando eſſa vóz me eſtremece ;
„ Naõ he Amor o que adoras ,
„ He o ſagaz Intereſſe. „

En-

Entaõ reflicto por vêllo
Tanto ao Numen parecido,
Quantas vezes me haveria
Com seu aspecto illudido.

No topo do regio alcaçar
Vejo hum altar magestoso,
Sobre trez degráos soberbos
De Assyrio marfim lustroso.

Aureo docel recamado
De Perollas Indianas,
Preso com festões de flores
Tolda as aras soberanas.

No relevo das molduras
Que o rico Trono cercavaõ,
Mil fulgurantes Pyrópos
Mais do que o Sol radiavaõ.

Aqui a bella Accidalia
Taõ magestosa se via,
Quo n'alma em hum mesmo tempo
Gosto, e respeito infundia.

Alvas roçagantes vestes
D'aljofar alcaxofiadas,
Parte dos membros mostravaõ
Em ricas prizões tomadas.

O Ceio, a Ternura, as Graças,
Em torno offrendas faziaõ,
De gratos fabéos prefumes
Que o ar de fragrancia enchiaõ.

Em quanto alegre iſto obſervo
Hum grande eſtridor contemplo:
Volto o roſto a ver quem era
Que aſſim perturbava o Templo.

Entre huma chuſma de Amores,
Aureos fuſiz arraſtando,
Te vejo entrar minha Analia
Ternos ſoluços ſoltando.

Chegar á Pyra, e jurares
A Amor, pelos Ceos ſagrados,
Que ſó Belmiro ſeria
Emprego dos teus cuidados.

Que mais piedoſa que d'antes
A peſar da iniqua ſorte,
O puro amor que juravas
Duraria além da morte.

Caber naõ poude em meu peito
O bem qu'eſcutando eſtava;
Quiz ſoltar eſta vóz terna,
Que a minha gloria diſtava.

„ Graças aos Ceos que te vejo
„ Hum diá commigo amante ; „
Mas niſto acordo , e dos Olhos
Me foge a ſcena brilhante.

Entaõ pondéro aſſim vendo
Os meus prazeres fruſtrados ,
Que os goſtos que tem hum triſte
Até ſaõ breves ſonhados.

Belmiro Tranſtagano.

APO-

APOLOGO.

A Raposa, e o Lobo.

„ COmpadre (contaõ que ao Lobo
„ Disse a Raposa huma vez)
„ Parí dous Filhos, e agora
„ Naõ mos comas por quem és.

„ Naõ Comadre, está segura
„ (Logo o Lobo lhe tornou)
„ Que nunca em damno de amigos
„ O meu dente se embotou.

„ Lembra-me ind'aquelle Inverno
„ Em que taõ doente andei;
„ Que dos teus roubos, e traças,
„ Comadre, me sustentei.

„ Mas he preciso que delles
„ Me dês agora os signais;
„ Para isentallos da morte,
„ Quando for comer os mais.

De goſto com tal promeſſa
A Rapoſa regougou ;
E catando-lhe huma orelha
Deſta ſorte lhe fallou.

„ De todos os Rapoſinhos ,
„ Que has de Compadre encontrar ,
„ Os mais nedios , mais formoſos
„ Saõ os meus , naõ tens que errar. „

Com eſtes ſignaes ſómente
O Lobo ſe deſpedio ;
E logo em buſca de preza
A's vaſtas brenhas partio.

Em huma idionda furna
Aonde a fome o levou ,
Mui feios , ſujos , e auguados
Dous Rapoſinhos achou.

„ Naõ ſaõ os da minha amiga
„ Pelos ſignaes que me deu ; „
Diſſe ; e lançando-lhe as garras
Ambos matou , e comeu.

Eis entra a Rapoſa , e clama
Vendo o ſucceſſo : „ ay de mim !
„ Ay de mim negro Compadre ,
„ Que aos filhos meus déſte fim.

„ Taõ inceſſante rogar-to
„ Ay triſte, naõ me valeo; „
Mas niſto o prudente Lobo
Severo lhe reſpondoe.

„ Pelos ſignaes que me déſte,
„ Os teus filhos naõ comi;
„ E ſe eſtes eraõ teus filhos,
„ Entaõ queixa-te de ti.

„ O muito que tudo noſſo
„ Com exceſſo nos apraz,
„ Quaſi ſempre he quem no Mundo
„ Mil prejuizos nos faz. „

Belmiro Tranſtagano.

APOLOGO.

O Gato , o Caõ , e o Rato.

A Volta do Dia
Da fome obrigado ,
Medroſo ſahia
Ratinho eſfaimado
Da toca ſombria.

Aprouve à Diſgraça ;
Que hum Gato daninho
Que aly veio á caſſa ,
Do triſte Ratinho
Cruel preza faça.

Os dentes roedores
Feróz lhe cravava ;
Envolto em ſuores
O triſte clamava
Chiando co' as dores.

„ He crime execrando
„ Buſcar o ſuſtento ? „
O Gato roſnando :
He ; diſſe , e cruento
O foy laſcerando.

Hum Caõ que eſcutava
A queixa ſentida ,
Que as almas cortava ,
No fero homicida
Os dentes ferrava.

O qual ſem alento ,
„ Cruel , lhe dizia ,
„ Porque és taõ cruento ?
„ Foi crime algum Dia
„ Buſcar o ſuſtento ?

O Caõ no conflicto
Lhe diz : „ melhor penſa
„ No teu proprio dicto ;
„ Tu déſte a ſentença ,
„ Eu puno o delicto.

„ Roubaſte huma vida ,
„ Naõ peças diſculpa ;
„ Que além de homecida ,
„ Réo foſte da culpa
„ Que deixas punida.

„ Se quando intentaſſes
„ Qualquer acçaõ dura ,
„ Por ti te julgaſſes ;
„ Igual deſventura
„ Talvez naõ provaſſes. „

Bélmiro Tranſtagano.

CANÇONETA.

N'
Um boſque frondente
De murtas hum dia;
Nathercia formoſa
As horas dormia
Da ſéſta calmoſa.

Dos troncos floridos
Favonios voadores,
Que frouxos ſopravaõ,
Chuveiros de flores
Sobre ella entornavaõ.

De hum terno Vendado,
Que ao boſque viera
Os outros carpindo,
De quem ſe perdêra,
Foy viſta dormindo.

Ao vêla; nos olhos
O pranto repreza,
O meigo Cupido;
E já lhe naõ peza;
Haver-ſe perdido.

Goſ-

Goſtoſo os cabellos
Lhe enaſtra de roſas;
Em torno lhe adeja:
E as faces mimoſas
Mil vezes lhe beija.

Mas eis que o tumulto
No prado veſinho,
Dos mais eſcutava;
O terno Amorſinho
De goſto faltava.

As palmas batendo
Aos outros corria
Ufano, e vaidoſo;
E hum premio pedia
Do encontro ditoſo.

Depois que perguntas
Os mais lhe fizeraõ
Lançando-lhe os braços;
Em paga lhe deraõ
Immenſos abraços.

Já ledos, e affoitos
Os Numes daninhos;
O campo atalayaõ;
E os tenros bracinhos
Nas Aves enſayaõ.

Já deſtros ſobraçaõ
Os coldres fulgentes,
Os arcos formoſos,
Que tinhaõ pendentes
Nos Olmos frondoſos.

Já teceem mil filtros,
Mil tramas atrozes;
E apenas ſe apromptaõ
Em chuſma velozes,
Ao ar ſe remontaõ.

O Nume que trouxe
A nova benigna
A frente occupava;
E a tropa maligna
Riſonho guiava.

Soberbo no Centro
O Chêfe Cupido,
Hum ferro empunhando
Brandava infoffrido
Ao lucido bando.

„ Mil vezes Natercia
„ A noſſo deſpeito,
„ Nos tem reſiſtido;
„ Mas hoje ſeu Peito
„ Veremos ferido.

„ Letargicos ſomnos
„ O corpo lhe rendem ;
„ Seus Olhos traidores
„ Já naõ a deffendem
„ Dos meus paſſadores.

„ Raſguemos-lhe o Peito ;
„ Os pulſos lhe atemos ;
„ Da paz ſe deſpoje ;
„ E agora veremos
„ Se ainda nos foge.

„ Pôs termo Belmiro
„ Teu féro tormento ;
„ Naõ vivas queixoſo ,
„ Que chega o momento
„ De ſeres ditoſo. „

Mas niſto deſcobrem
A Nynfa os frexeiros ;
E todos ſuſpiraõ
Por ſer os primeiros ;
Que o peito lhe firaõ.

As frexas alçando
Crueis , e ferozes
O adejo apreſſáraõ ;
Mas todos velozes
N'um tempo chegáraõ.

Quaes

Quaes delles apenas
Contemplaõ ſeu roſto ;
Da furia eſquecidos
Deſpontaõ de goſto
Os ferros boídos.

Quaes delles traveſſos
O ſeyo lhe indagaõ ;
E as faces divinas
Sutrindo lhe affagaõ
Co'as maõs pequeninas.

A' boca purpurea ,
Que aromas exalla ;
Os outros corriaõ ;
E todos beijalla
Primeiro queriaõ.

Aquelles que frouxos
Mais tarde chegávaõ
Trepando , os ligeiros
Peſinhos firmavaõ
Nos mais Companheiros.

Porém huns c'os outros
Tal bulha , tal guerra ,
Inquietos urdiraõ ,
Que todos em terra
De chuſma cahiraõ.

Hum Fauno que perto
Notava invejoſo
A turma vendada;
Da quéda goſtoſo
Dá longa rizada.

A Nynfa diſperta
A' vôz eſtrondoſa;
E os Olhos divinos
Levanta maviosa
Aos Numes ferinos.

Eis todos lhe fogem
De aſſombro feridos;
Os ferros engeitaõ;
E aos troncos ſubidos
Medroſos a eſpreitaõ.

O Nume doloſo
Que o bando regia,
De pejo corava;
E em quanto fugia
Deſta arte clamava.

„ De amor naõ te queixes
„ Belmiro amoroſo;
„ Teu fado inclemente
„ Fazer-te ditoſo
„ Já mais me conſente.

„ Natercia a quem amas
„ Meu culto aniquilla;
„ Mil vezes irado,
„ Tentando ferilla
„ Me vi deſtroçado.

„ Eſcuda-lhe o Peito
„ Seu roſto o mais lindo;
„ Como hei de rendêla
„ Se meſmo dormindo
„ Naõ poſſo vencêla. „

Callou-ſe, e limpando
As lagrimas futeis;
N'uns Cedros copados
Quebrou por inuteis
Os ferros ervados.

Belmiro Tranſtagano.

A' EX.ma SENHORA CONDEC,A DE POMBEIRO,

No dia em que completou hum anno o seu Primogenito, em cujo nascimento naõ havia o Autor poetizado.

Estes versos forão postos diante de Sua Excellencia nas mãos de huma figura de hum pobre.

QUNTILHAS.

BElla Mãy de Filhos bellos
A quem os Fados põem francos
Seus tesouros para havellos,
Unindo a Castellos-Brancos,
A Estirpe de Vasconcellos.

Ouve-me agora fallar
Em honra do digno Filho,
Que a Fortuna ha de estradar,
Dos seus maiores no trilho
Por sua memoria honrar.

Naõ

Naõ culpes minha alegria
Se às vezes me vez callar,
Quando mais fallar devia,
Que o louvor temo eſtribar
Nas medidas da Poeſia.

Tendo aſſumpto que me ſobre
Paſmar em ſilencio eu uſo;
E com motivo taõ nobre,
Emmudeço por confuſo,
Que a abundancia me faz pobre.

Mas minh'alma em fim procura
Vencer ſeu proprio alveroço;
Quererá minha ventura,
Que pois com vozes naõ poſſo
Me explique aſſim por figura.

Senhora, naõ te ſoſſobres
Eſſa ao teu Antonio entrega,
E cuido que lhe deſcobres
Que hum pobre já ſe lhe chega,
Porque naſceo para os Pobres.

Saiba que grande naſceo,
Para que aos pequenos preſte;
Tem do Pai o exemplo, e teu;
E o grande intereſſe he eſte
Com que o pedimos ao Ceo.

Se alguem murmurar quizer
De que eu na alegria féria,
Lhe faça miſeros ver,
Vê que o valer á miſeria,
He dos Heróes o prazer.

Moſtre-ſe-lhe eſſa nudez;
Enſina-o a núz veſtir,
Como veſtido me vez;
Tem de caſa a quem ſeguir,
Faça o que ſeu Pay me fez.

D'Hercules contaõ as Gentes,
Ter no berço eſpedaçados
Ferozes monſtros ingentes;
E he valer aos Deſgraçados,
Mais qu'eſpedaçar ſerpentes.

Começa de tenra idade
A imprimir-lhe na memoria,
Liçõeſ de heroica piedade;
Faze que ſuſtente a gloria
Do ſeu nome a dignidade.

Fazendo-o ver o baſtaõ
Ou de Guerra, ou de Juſtiça,
Que ha de vir á ſua maõ,
Para eſſa honrada cubiça,
Formemos-lhe o coraçaõ.

Nos luzos faſtos eſcripto,
Louvor d'alta gerarquia
Bem ſe vê, e eu naõ repito;
E ſe ouvirá algum dia,
Da Fama o centuplo grito.

Os Seec'los ſaõ teſtemunhas;
E a Inveja em triſtes arrancos,
Volta ao proprio peito as unhas,
Fugindo a Caſtellos-Brancos,
Correas temendo, e Cunhas.

Se os Illuſtres Vaſconcellos
Os Ceos vem nelle juntar,
Faça a Hiſtoria conhecellos;
Porque para ſegurar
Tem já de ſobra os modellos.

Naõ lhos moſtro triunfando
Do Inimigo triſte, e exangue;
Noſſas quinas arvorando
Cubertos de pó, e ſangue,
Reynos ao Reyno ganhando.

Minha placida Camena
Lhe entoa hum alegre canto;
E quando o louvor lhe ordena,
Em alheyo ſangue, e pranto
Nunca vai molhar a penna,

He das azas d'Alegria
A penna com que hoje escrevo ;
Dá-me o prazer a harmonia
Com que aos Ceos ousado elevo
A alta gloria deste Dia.

No dia em que completou annos o Primogenito dos Illuſtriſſimos, e Excellentiſſimos Senhores Condes de Pombeiro.

QUINTILHAS.

SE hum deſpido pobre viſte
Apreſentar-ſe em tal dia;
Vê agora o que veſtiſte, (1)
E farta-te n'alegria
A que eſſa alma naõ reſiſte.

Moſtrei-te hum afflicto entaõ;
Porque ſer juſto julguei
Inclinar-te á compachaõ;
Hoje vou, (de tom mudei)
Alegrar-te o coraçaõ.

(1) Allude a trez Meninos Orfaõs abrigados neſta Caſa, e veſtidos de novo em honra deſte dia.

Ouve o marcial fragor,
Ouve o ſtrepito guerreiro,
Qu'inda reſſoa em louvor
D'alta Caſa de Pombeyro,
De que és digno ſucceſſor.

Vem noſſa doce eſperança;
Da memoria te ergo ao Templo;
Véſte a Toga, ou térſa a lança;
Tens nos teus liçaõ, e exemplo,
Imita-os, depois deſcança.

Com guerreiro porte, e franço
Ajuſtando a Cota, e o Caſco,
Vê qne da Eſpada ao arranco
Cahe o Ibero aos pés de Vaſco, (1)
E elle ergue Caſtello-Branco.

Naõ conta a Hiſtoria hum ſó Nuno
Que ajudaſſe Joaõ Primeiro: (2)
Tambem houve outro opportuno
Da proſapia de Pombeyro,
E que fez tremer Neptuno.

De

(1) Vaſco Paes de Paiva, que vivendo em Caſtello-Branco, que pelas ſuas grandes acções, ſe chamou de Caſtello-Branco.

(2) Nuno Vás de Caſtello-Branco, valeroſo Almirante de Portugal.

De meyas Luas croada ,
De balde Ceuta ſe empina ,
Que ao luzir de Nuno a Eſpada ;
Humilde a cabeça inclina ,
Beija a cadêa dourada.

Aos pés de hum Heróe Vaſſallo ;
Vejo alado velho intonſo ,
Que ſe eſmera em coroallo ; (1)
E os louros do quinto Affonſo ,
Saõ parte dos de Gonçallo.

Se o Almeirante ſe chama , (2)
O Occeanno inda ſe aſſuſta ;
Mas triſte pranto derrama
Por Lôpo a quem maõ injuſta (3)
Tirou vida , mas naõ fama.

Ou

(1) Gonçallo Vás de Caſtello-Branco , homem valeroſo , que foi o que inſtituio o Morgado deſte Titulo , ſendo cabeça a Quinta deſte nome.

(2) Nuno Vás de Caſtello-Branco ; &c.

(3) Lôpo Vás de Caſtello-Branco , valeroſo , porém morto á traiçaõ.

Ou gire os Mares, ou cerque
Caſtello, que leva à eſcalla,
Nuno faz que o Pindo alterque, (1)
Se excedeo mais do que igualla
Contemporaneo Albuquerque.

Até ao Perſico ſeyo,
A memoria te conduz,
A ver como rege o freyo, (2)
Que maſtiga a fera Ormuz,
Avó teu, que eu naõ nomeyo.

Virá tempo em quê a idade
Fará que tua alma tome
Liçõeſ de heroica verdade,
E do dever do teu nome,
Que zella a poſteridade.

De hum Antonio como tu, (3)
(Naõ ſei ſe tambem taõ lindo)
Veráz como o Fado crú
Soffreo, a ſeu Rey ſeguindo
Athé ſer captivo, e nú.

Hum

(1) Nuno Vás de Caſtello-Branco, que nos mares da India fez maravilhas de valor.

(2) D. Pedro de Caſtello-Branco, Governador de Ormuz.

(3) Antonio de Caſtello-Branco, que ſeguio o Rei D. Sebaſtiaõ a Africa onde foi eſcravo.

Meu Brasil canta mil vezes (1)
Que outro Antonio o fez feliz;
E em honra dos Portuguezes
Lhe aliviou a cerviz
Do jugo dos Holandezes.

Mais e mais dos teus Castellos
Da gloria nos fastos achas, (2)
Que terá novos disvellos
De unir teus Leões às fachas,
E torres de Vasconcellos.

Quiz, Senhor, que repassasses
Tanto na tenra memoria,
Nem temi me criminasses,
Que do teu nascer a gloria
Vem da gloria de quem nasces.

Dos teus os fastos saber
Eu julgo assáz necessario;
E a dispor-se para os ler,
Esse novo abecedario (3)
Vem teus servos offrecer.

Os

(1) D. Antonio de Castello-Branco, servio na armada, que fez restaurar o Brazil das maõs dos Holandezes.

(2) Lembra-se assim as armas da casa de Castello-Melhor.

(3) Offerecia-se ao Menino hum abecedario disposto em dados para aprender brincando.

Os meus proprios olhos vem,
As tuas graças diſpoſtas
A deſempenhar-te bem;
Vejo que das armas goſtas,
Goſta das letras tambem.

Se me naõ fora vedado . . . .
Ceos minha boca feckai,
Naõ vá eu arrebatado
Deſobedecer ao Pay (1)
Eu devo admirar callado.

O' verdade, ó gratidaõ,
Que dentro em mim murmurando
Agitais meu coraçaõ,
Se eu obedeço callando
Outros por mim fallaráõ.

Senhor, deveis eſcutar
Eſtes meus concelhos ſerios,
E n'alma os deveis gravar;
Hé mais que ganhar Imperios
O ſabellos governar.

Nun-

(1) O Excellentiſſimo Senhor Conde de Pombeiro tem prohido ao Autor o dar-lhe louvores, quaesquer que elles ſejaõ.

Nunca a Diſcordia deſuna
Nações, que a amiſade enlaça,
Que vos obrigue emportuna
A ſer de outros a diſgraça:
Ah! Sêde a noſſa fortuna!

Sêde dos ſervos que creſcem
Amparo, e conſolaçaõ;
Honrai os, que honra merecem;
Sêde arrimo, e dai a maõ
Aos que como eu envelhecem.

Sei que pouca perda vai,
Succedem outros a eſtes;
Porém hum pouco notai,
Achaſte-os quando naſceſtes,
Já ſerviaõ voſſo Pay.

E quando frouxos, e laſſos,
Para a voſſa companhia
Naõ poder-mos já dar paſſos,
Lembre-vos, Senhor, hum dia,
Que vos trouxemos nos braços.

Guardai em voſſa lembrança
O que he digno de reter;
Que merece confiança,
E naõ he para perder
Huma ſervidam de herança.

Pois

Pois que o Ceo assim dispóz
A obrigaçaõ nos reparte ;
Vivei , Senhor , para nós ;
E do mundo em qualquer parte
Nós morreremos por vós.

Fi-

Ficando em Salvaterra o Autor, quando Suas Magestades sahirão dalli, o Senhor Arcebispo Confessor quiz que descreveſſe aquella sahida, e como ficava a terra.

QUINTILHAS.

MUſa, manda-nos pintar
Mageſtoſa deſpedida;
Vai os pinceis preparar;
Traça do quadro a medida,
Vai as cores miſturar.

Vê que alguem já ſe alvoroça
Por ver ſe avivo as figuras;
Talvez por diſgraça noſſa
Achem que neſtas pinturas
Sou Apelles de Obra groſſa.

Eſ-

Eſtas viſinhas Campinas,
E as varias hirſutas moitas,
Com tintas groças, ou finas
Já pintaſte, e ora te afoitas (1)
A couſas mais peregrinas.

Naõ ao Porço ſedeûdo
De alvo dente anavalhado,
Nem ao timido, e galhudo,
Ligeiriſſimo Veado,
Que de hum ſalto foge a tudo.

Nem pintes a nedia Corça:
Deixa em paz o leve Gamo;
E o caminho, ou ſiga, ou torça,
Falcaõ chamado ao recramo,
Que moſtrou deſtreza, e força.

O animal das meias luas
Deixa aly raſpando a terra
Co' as rachadas unhas ſuas;
Deixa o que no jugo berra
Co' as arraſtadas charruas.

Fo.

(1) Allude á caçada das Lebres já deſcripta pelo meſmo Autor.

Fogoſo Poldro ſacuda,
Relinxando, as crinas ſoltas;
Quando a propria Mãy ſaûda,
Ou quando em ſaltos, e voltas
Vem procurar quem lhe acuda.

Naõ digo quê o lapis quebres
Com que hum dia obediente
Debuchaſte o Lobo, e as Lebres;
Mas mandaõ-te pintar gente,
Gente he juſto que celebres.

Alongando a viſta eu vejo
Por entre eſſa plana terra
Eſtender braços o Tejo;
E nelles põe Salvaterra
Tudo o que eu pintar forcejo.

A' preſſa as ſaudoſas cores
Móe, desfaz, miſtura, e liga,
E eu terei, ſe habil tu fores,
Retracto de gente amiga,
Copia de grandes Senhores.

Seia, larga, ſolta, caſſa;
Hum ſe apreſſa, outro tem fleuma;
Aqui moço ouſado paſſa;
Aly confuſa feleuma
Delicada gente embaça.

Aly huma ao colo vai,
Levaõ outra pela maõ;
Aqui hum gemido, hum ay:
Este deste o coraçaõ;
Aquelle tropeça, e cai.

Rubra canada de vinho
Sorver hum Algarve eu vejo,
Em quanto n'um reſtinho
Peſpega devoto beijo
Velha que teme o caminho.

A ſobrinha aly deſmaia,
Tornaõ-lhe á boca as fatias,
Que toma em limpa cambraya,
E inda em tantas agonias,
Ella aſſena para a praya.

Aquelle eſcaler deſpega,
Já outro as vellas ſoltou;
Frota de remos navega;
De terra hum clarim ſoou
Muſa á lerta, olha quem chega.

Muſa apoucada, e meſquinha,
Tu que arroſtavas ufana
Qualquer aſſumpto que vinha,
Tremes vendo a Soberana
Face da Auguſta Raynha?

Com

Com ſuſto de ſubmiſſaõ,
Nem podes a viſta alçar?
Poem os joelhos no chaõ:
He tempo de deſenhar,
Mas cahe-te o lapis da maõ.

Ah! Muſa naó te ſoſſobres
Chega ſem ſuſtos áquella,
Que cercam Grandes, e Nobres;
Vê que tem o amparo nella
Pequenos, Humildes, Pobres.

Lembre-nos bem quanto agora
Deſſa maõ real nos veio,
Cheguemo-nos muito embora,
Que naõ deve dar receyo
Mageſtade bemfeitora.

Pinto aquelles, pinto aquellas;
Tu naõ pódes? Da-me a tinta,
Quero as copias, vou fazellas;
Mas ay de mim! ninguem pinta
Bem o Sol, bem as Eſtrellas,

Deslumbrado, e quaſi cego
Dando a teu eſpanto abono,
Os toſcos pinceis te entrego,
Sem pintar ella que ao Trono
Chamou Affonço em Lamego.

Naõ

Naõ, naõ a poſſo pintar,
Paſmei no goſto de vella;
Ah! naſceo para reinar,
Naõ, naõ honra o Trono a ella,
Ella veyo o Trono honrar.

Nem o groupo de uniaõ cara
Das Irmans, e hum, e outro Filho,
E a que em Filha amor tornára:
De afracar me maravilho
O deſejo me enganára.

Foram meus esforços vaõs,
Mudamente ajoelharei;
Chegam, Máy, Filhos, e Irmaõs;
Animo ó Muſa, eu beijei
Em ſilencio as reaes maõs.

C'os olhos acompanhemos
Toda a real comitiva,
E deſſe Povo que vemos
Alternando *viva viva*,
Alguma copia teremos.

Já o Bargantim dourado
Vozeria alegre ſolta;
E ella turba de encarnado
Dá no ar mais de huma volta
C'o barrete prateado.

O

O ranxo de prazer louco,
Cobre a gadelha inda enchuta;
Arranja-se pouco a pouco,
E entre a seleuma se escuta
O Patraõ mór sempre rouco.

Este vôga, aquelle séia,
Gadelhuda á perna, e o braço;
Mostra a roxa cordoveia,
Que bem prestes no arregaço
Turgida aparece, e cheia.

Deu-se ao mais robusto a boga;
E o Mancebo que a alcançára
Nenhum outro lugar roga,
Nem por tal honra trocára,
Huma de bengala, ou toga.

Já o tostado Algárvio,
O punho do remo aperta,
E alçado n'um pé com brio;
Em vôga arrancada, e certa
Talha este braço do rio.

Triste fica o Povo, e chora
Ao ver que assim apressada
Se alonja a sua Senhora;
Chamam pequena a jornada,
Maior quizeram que fora.

Lá vai desaparecendo
Da vista de Salvaterra :
Nós Musa , o passo volvendo
Aos que nos ficaõ na terra ,
Hiremos onvindo , e vendo.

Velha que de longe vio
Na popa os moços reaes ,
Os gorgomilos abrio ;
Gritou que ouviraõ os mais :
„ Bem haja a Mãi que os pario.

„ Dê-lhes Deos boa maré
„ E cubra de boas fadas ;
„ Sua Mãy , nossa Mãy he :
„ Gentes sois affortunadas ,
„ Eu sei por quem , e porque.

„ Qual vossa vida , e a minha
„ Triste se houvera finado
„ Pela disgraça mesquinha
„ A naõ nos ter o Ceo dado
„ Taõ piedosa Raynha !

„ Leva o Inverno a semente!
„ Saõ vossos granjaes desfeitos!
„ Alaga-vos tudo a enchente!
„ Vem ella , sois satisfeitos ,
„ Acha com que vos contente.

„ Es-

„ Eſpera o que lhe deveis;
„ E muitas vezes perdôa;
„ Cura-vos ſe adoeceis:
„ Olhai, Senhora mais boa
„ Nunca viſtes, nem vereis.

„ Dêmos ao Ceo mil louvores,
„ E annos lhe dê aos milheiros;
„ Eu vivo dos ſeus favores,
„ Fez os meus Filhos Couteiros,
„ Meus Netos Emprazadores.

„ Se na minha geraçaõ
„ Alguem há que a tal Senhora
„ Naõ ſirva de coraçaõ,
„ Quero que já deſde agora
„ Tenha a minha maldiçaõ. „

E alçando a ſua maõ canha,
Pela deſdentada boca,
Murmurou arenga eſtranha;
Em ſoluços ſe ſuffoca,
E alva baba o queixo banha.

Eis ſubito hum Neto ufano,
Que maõ real veſtir faz,
Moſtra o ageitado panno,
E diz alegre o rapaz:
„ He mais bonito eſte anno. „

Tambem moſtra o ornato ſeu
Orfã pobre Rapariga ;
Eu a vejo , eſcuto-a eu ;
Naõ encontra a quem naõ diga :
„ A Raynha he quem mo deo. „

Quanta gente eu vejo ! quanta ,
Que veſte real grandeza ?
E oiço mais , e naõ me eſpanta ,
„ A mim veſtio-me a Princeza ;
„ A mim a Senhora Infanta. „

Ruſtico moço robuſto ,
Que eſſas moitas eſpancou
Com o azinheiro aduſto ,
Aos Companheiros moſtrou
Piedoſa ajuda de cuſto.

Fumando em cujo cachimbo
Gordo Arraes , digno de eſtampa
Diz á companha : Marimbo ;
„ Agora aquì ſtá quem campa
„ Eila ahy vai , que deo gimbo. „

Ferve a farta caldeirada ,
E o vermelho pimentaõ
Por entre a fervura nada ;
Vai o encebado toſtaõ ,
Vem trasbordando a canada.

Na Villa o meſmo ſuccede;
Já do vinho baptizado
A pipa em canadas mede,
O Taberneiro cançado
De dar ao Povo o que pede.

Negro azeite torra o Savel,
E aly coze a Boga, e o Barbo,
A Bodegôa agradavel,
Que já rendeo ao ſeu garbo
Duro Campino intratavel.

Fartura, e prazer total
Enche a caſa, enche a coſinha;
He o brodio aly geral
Aſ ſaude da Raynha,
E da Familia Real.

Correm Vilões, e Paſtores,
Aſs tendas, antes, que emmalem;
Compraõ das alegres cores,
Talvez por mais do que valem;
Vai na fé dos Mercadores.

Aſ preſſa eſcolhem Mulheres
Pintados lenços, e fitas:
Deicham garfos, e colheres,
Compraõ argolas bonitas,
E formoſos roſicleres.

Mas

Mas findas as compras ſuas ;
Muſa , naõ ha que pintar
Por eſtas deſertas ruas ;
Vai o painel rematar ,
Que he já tempo que o concluas.

Pinta-me em tal ſolidaõ
Junto dos meus Bemfeitores , (1)
Tendo ao lado a Gratidaõ ;
E tendo aos reaes louvores
Preparada a voz , e a maõ.

---

(1) Os Senhores Condes de Pombeiro ficavaõ ; porque a Senhora Condeça eſtava mal convaleſcida do parto em que teve o Senhor D. Joſé de Caſtello-Branco.

A Illuſtre O'Neille pergunta que couſa ſejaõ ſaudades.

Reſpoſta.

MUſa, baſta de ſilencio;
Quer linda O'Neille eſcutar-nos,
E à ſua amavel grandeza,
Seria crime eſcuzar-nos:

Limpo as ferrugentas cordas;
Mas deſmaia o coraçaõ;
E ao penſar no excelſo Nome,
Me cahe a lira da maõ:

He eſta a que em berço auguſto;
Graças, e Muſas dotáram,
E a quem Artes, e Sciencias,
A docil razaõ guiáram.

He eſta a Britana Sapho,
A quem rendem vaſſalage,
Com Dacier erudita,
A ſuave du Bocage;

Q'eſ-

Q'eſtuda o Homem com Pope ;
Com Robortſon lê o Mundo ,
Ri com Swift engraçado ,
E ſegue a Newton profundo :

Co's ouvidos coſtumados
A meigas vozes ſonoras ,
Porque tem ſeu lugar proprio
Entre as Aonias cantoras ;

Como poderá ouvir
Os meus roucos gritos vaõs ;
Sem tapar ſabios ouvidos ,
Com as jaſminadas maõs ?

Naõ he do Tamize hũ Ciſne ,
Que vai ſoltar doce canto ,
Braſileiro Papagaio
De arremedo a vóz levanto.

Tinha razaõ de callar-me ,
Deveria emmudecer ,
Mas ſe O' Neille quer q'eu falle ;
He virtude obedecer.

Em fim , Muſa , obedeçamos ;
Baſta já de dar diſculpa ,
Porq' o muito diſculpar ,
Tambem ás vezes he culpa.

Pois

Pois saber o que he saudade
Gentil O' Neille careces,
Vou talvez dizer-te hũ mal,
Que soffres, e naõ conheces.

Diraõ huns q' he sentimento,
Que só Portuguezes tem;
E q' importa falte aos outros,
Vozes q' o expliquem bem:

Mas eu, Senhora, naõ quero
Illudir vossa grandeza;
Saudade, he nome q' explica
Triste mal da Natureza:

Filha da cruel auzencia
He essa terna paichaõ:
Que se nutre de esperanças
No sensivel coraçaõ:

De lembranças, e desejos,
Tristemente acompanhada,
Punge, e fere huma alma terna,
Do amado bem separada:

Por exemplo dividida
Da tua cara metade,
Toda essa falta que sentes,
Isso O' Neille he q' he saudade.

Em meio de mil prazeres,
Sempre eſta paichaõ he triſte,
E a ſeu intimo tormento,
Nenhuma couſa reſiſte:

Obriga a lagrimas triſtes,
Obriga a ſentidos ais,
Nem ſó humanos obriga,
Inda a brutos animais.

Ouve o ſaudoſo gorgeio
Da amoroſa Philomella,
Quantas vezes te interneces
Co' a triſte ſaudade della:

O aureo collo entumecendo,
Arrullando o pombo afflito,
Tenra eſpoſa que lhe falta
Chama em ſeu ſaudoſo grito:

Bravo ſanhudo Leaõ,
A madeicha facudindo,
Se a cara Leôa prendem,
Os campos corre bramindo:

Traz eſtes males Amor,
Porém a doce Amizade
Naõ deicha de ter tambem
A doença da ſaudade:

Tu, q' a memoria tens cheâ
De mil ſucceſſos antigos,
Eſcuſas q' eu te reconte,
Triſtes ſaudoſos amigos:

Do teu Auguſto Ricardo;
Te lembre a celebre hiſtoria;
E vê do amigo ſaudoſo,
Qual ſeja a honrada memoria:

Tambem de fido animal,
Que ſeu bom ſenhor perdeo;
Se conta que de ſaudades,
Junto ao ſepulcro morreo:

He de temer eſte mal,
O tempo o torna mais forte,
E em lhe faltando a eſperança;
Bem depreſſa he mal de morte.

Baſta, Senhora: já ſabes,
Q' em fim ſaudade ſó he
O ſentimento q' hũ ſoffre,
Quando o que eſtima naõ vê:

Tu q' onde quer q' appareces;
Cauſas Amor, e Amiſade,
Terás dado (eu naõ duvido)
Motivo a muita ſaudade.

L. Selinuntino.

AO ILL.mo E EX.mo SENHOR

D. ANTONIO MARIA

DE CASTELLO-BRANCO CORREIA E CUNHA,

Primogenito dos Illuſtriſſimos, e Excellentiſſimos Senhores Condes de Pombeiro.

I.

Deicha q' a Lira
Nas maõs eu tome;
E q' o teu nome
Poſſa cantar:
Vai-te enſaiando
Deſde pequeno
A ouvir Lereno
Por ti clamar:

II.

Se hũ nome queres
Digno de gloria,
E q' a Memoria
O haja de honrar:
Tens os modellos;
Naõ buſques mais,
Os dignos Pais
Te haõ de guiar.

Vai

III.

Vai bem quem segue
Deſtes modellos,
Q' os Vaſconcellos
Saõ de imitar:
Deicham-te à gloria
Caſtellos-Brancos
Caminhos francos
Para trilhar.

IV.

Dizer podia
Paſmoſas coizas,
Que dos teus Soizas
Ha que contar:
Se eu chamo os ſeculos
Por teſtemunhas,
Corrêas, Cunhas
Ouves lonvar.

V.

Quando tu leres
A Luza hiſtoria,
Tua memoria
Tens que fartar:
Illuſtre Aonio.
Graças ao Ceos,
Podes dos teos
Lições tomar.

VI.

Se eu foſſe proprio
Para enſinar-te,
Bem pouco d'arte
Tinha q'uſar:
Baſta moſtrar-te
Dos teus o trilho,
Vai d' aguia o filho
O Sol buſcar.

VII.

Já ſobre o Pindo
Eu me levanto,
Oiço alto canto
Teu nome alçar:
Para eſerevello,
Douradas pennas,
Sabias Camenas
Vaõ preparar.

VIII.

O Ceo vigie
Na tua idade;
E eſta verdade
Verás chegar:
Nos pobres verſos,
Q' olfrecer venho,
A honra tenho
De a annunciar.

FIM.

ERRATAS.

Folhas.	*Verſos.*	*Erros.*	*Emendas:*
24	ult.	Natuteza	Natureza
25	12	cumprida	comprida
56	3	empavido	impavido
58	16	fomoza	famoza
65	10	Orco	Orêo
70	19	amarrella	amarella
71	16	prejuro	conjuro
75	17	eſirmada	eſtremada
105	19	Brandava	Bradava
116	17	ajudaffe	ajudaſſe
123	1	manda-nos	mandaõ-nos
136	7	lugat	lugar

FOi taixado eſte Livro em papel a duzentos e quarenta reis. Meza 5 de Julho de 1793.

Com tres Rubricas.

ERRATA.

Pag.	Lin.	Dice:	Debe decir:
34	16	Vanguardia	Retaguardia
37	23		
42	3		
45	18		
61	19		
70	10		
71	10		
91	17		
101	13		
110	19		
121	1		
130	7		